A ópera de três vinténs

Die Dreigroschenoper

Escrito em 1928

Estréia: 31.8.1928 em Berlim

Tradução: Wolfgang Bader e Marcos Roma Santa

Versificação das canções: Wira Selanski

PERSONAGENS:

MACHEATH, chamado MAC NAVALHA

Jonathan Jeremiah Peachum, dono da firma "O amigo do mendigo"

CÉLIA PEACHUM, sua mulher

POLLY PEACHUM, sua filha

Brown, supremo chefe de policia de Londres

Lucy, sua filha

Jenny, chamada Jenny-Espelunca

Smith

REVERENDO KIMBALL

Filch

Um Cantor de Moritat

O BANDO

MENDIGOS

PUTAS

Policiais

Segundo *The Berggar's Opera*, de John Gay Colaboradores: E. Hauptmann, K. Weill

PRÓLOGO

A MORITAT DE MAC NAVALHA

Uma feira em Sobo.

Os mendigos mendigam, os assaltantes assaltam, as prostitutas se prostituem. Um cantor de feira canta uma moritat.

Tubarão tem dentes fortes, Que não tenta esconder; Mackie tem uma navalha, Que ninguém consegue ver.

Tubarão tem barbatanas, Que de sangue rubras são; Mackie usa uma luva, Que esconde a vil ação.

Nas londrinas águas verdes Some gente — grande azar! Não é cólera nem peste: É o Navalha a rondar!

Num domingo ensolarado, Um cadáver jaz no chão — E um homem dobra a esquina — É o Navalha, o valentão.

Mosche Meier está sumido, E outros tantos marajás: Sua grana embolsa o Mackie, Mas tu nada provarás.

Peachum passeia pelo palco com mulher e filha, da esquerda para a direita.

Jenny Towler foi achada Esfaqueada lá no cais — Quem furou seu peito branco? Foi Navalha? É demais! E o cocheiro, a testemunha, Que não pode mais depor, Onde foi que evaporou-se? Mackie sabe? Não, senhor!

E o incêndio lá no Soho: Seis crianças e um ancião — Entre o povo está o Navalha, A quem nada indagarão.

E violada foi no sono Uma viúva, que é menor... Qual o preço prometido Pelo tal bandido-mor?

Uma gargalhada entre as prostitutas. Um homem escapa do meio delas e atravessa rápido toda a praça.

JENNY-Espelunca — É o Mac Navalha!

PRIMEIRO ATO

1

PARA COMBATER O CRESCENTE ENDURECIMENTO DOS CO-RAÇÕES DOS HOMENS, O COMERCIANTE J. PEACHUM ABRIRA UMA LOJA, ONDE O MAIS POBRE DENTRE OS POBRES ADQUI-RIA UMA APARÊNCIA CAPAZ DE COMOVER OS CORAÇÕES CADA VEZ MAIS EMPEDERNIDOS

Rouparia para mendigos de Jonathan Jeremiah Peachum.

O CORAL MATINAL DE PEACHUM

Acorda, mesquinho cristão! Começa a pecar, salafrário! Tu não passas de um charlatão: Ganharás do Senhor teu salário.

Vende a mulher e o irmão, Porque és um patife venal. Deus pra ti é uma bolha de sabão? Tu verás no Juízo Final.

Peachum para o público — Preciso inventar algo novo. Está ficando cada vez mais difícil, pois meu negócio é despertar a piedade dos homens. Existem umas poucas coisas capazes de comover o coração humano, poucas apenas, mas o pior é que, quando são usadas com freqüência, elas deixam de fazer efeito. É que o homem tem a terrível capacidade de se tornar insensível a seu bel-prazer. Por exemplo, se um homem vê um pobre aleijado parado na esquina, na primeira vez, assustado, dá-lhe logo dez vinténs, mas na segunda vez solta apenas cinco, e se o vir uma terceira vez, o mandará friamente para a cadeia. A mesma coisa acontece com os meios espirituais. Do alto da cena desce um grande letreiro: "Dai, e dar-se-vos-á". De que valem essas belas frases pungentes, escri-

tas em atraentes letreiros, se elas logo se desgastam. Na Bíblia há umas quatro ou cinco frases que tocam o coração; uma vez desgastadas, lá se vai nosso ganha-pão. Olhem só esta aqui: "É maior ventura dar que receber". Já não dá mais nada, e só faz três semanas que entrou em circulação. É que a gente sempre tem que lançar uma novidade. E claro, será da Bíblia que vamos tirá-la. Mas por quanto tempo ainda?

Batem à porta. Peachum abre, um moço chamado Filch entra.

FILCH — Peachum & Companhia é aqui?

PEACHUM — Eu sou Peachum.

FILCH — O senhor é o dono da firma "O amigo do mendigo"? Me mandaram procurar o senhor. Puxa, que frases! Isto é que é investimento. O senhor deve ter uma biblioteca inteirinha dessas coisas, hein? Isso é que é, sim, senhor! Gente como nós — de onde tiraria uma idéia dessas; e sem instrução, como é que o negócio pode dar certo?

PEACHUM - Seu nome?

FILCH — Bem, senhor Peachum, acontece que desde criança tive uma vida infeliz. Minha mãe era uma bêbada e meu pai, um jogador. Deixado desde pequeno aos meus próprios cuidados, sem a mão carinhosa de uma mãe, afundei cada vez mais na lama da grande cidade. Jamais soube o que fosse a atenção de um pai nem o aconchego de um lar. E aqui estou, senhor...

PEACHUM — E aqui está o senhor...

FILCH confuso — ...privado de qualquer recurso, presa de meus instintos.

Peachum — Como um barco naufragado em alto-mar etc. etc. Mas diga lá, seu barco naufragado, em que distrito você recita essa história da carochinha?

FILCH — Como assim, senhor Peachum?

Peachum — Você faz esse discurso publicamente, não é?

FILCH — Pois é, senhor Peachum, e justamente ontem aconteceu um pequeno incidente meio desagradável na Highland Street. Eu estava lá, quieto no meu canto, infeliz da vida, chapéu na mão, sem maldar nada...

PEACHUM olhando um livro de ocorrências — Highland Street. Exato, é isso mesmo. Então você é o sujeitinho de merda que Honey e Sam pegaram em flagrante ontem. Você teve o descaramento de molestar os transeuntes no décimo distrito. Desta vez só foi uma boa surra, pois bem podia ser o caso de você não saber onde é que Deus mora. Mas ai de você se for visto por lá outra vez, pode ir encomendando o caixão, entendeu?

FILCH — Por favor, senhor Peachum, pelo amor de Deus. Que é que eu posso fazer? Aqueles senhores me moeram de pancadas e depois me deram o seu cartão. Se eu tirar meu paletó, o senhor vai pensar que está diante de um bacalhau.

PEACHUM — Meu caro, se você ainda não está parecendo um mulato-velho, é que meu pessoal andou relaxando no serviço. Imagina só, me chega um desses novatos otários e vai logo pensando que é só estender a pata e o filezinho já está garantido. Que é que você diria se roubassem os bois mais gordos da sua fazenda?

FILCH — Ora, senhor Peachum, eu não tenho fazenda.

PEACHUM — Bem, licença só para profissionais. Mostra um mapa da cidade com ares de negociante. Londres está dividida em quatorze distritos. Qualquer um que pretenda exercer o ofício de mendigo precisa de uma licença da Jonathan Jeremiah Peachum & Companhia. Ou você acha que é só vir se chegando — presa de seus instintos?

FILCH — Senhor Peachum, com os poucos xelins que me restam estou à beira da ruína total. Preciso fazer alguma coisa, tenho aqui dois xelins...

PEACHUM — Vinte!

FILCH — Senhor Peachum!

Com um gesto implorativo mostra um cartaz, onde se lê: "Não tapeis o ouvido ao clamor do pobre". Peachum aponta para a cortina diante de uma vitrina onde se lê: "Dai, e dar-se-vos-á".

FILCH — Dez xelins.

Peachum — E cinquenta por cento sobre a féria semanal. Com equipamento, setenta por cento.

FILCH — Me diga, por favor, em que consiste o equipamento? PEACHUM — Isso quem determina é a firma.

FILCH — E em que distrito eu faria ponto?

Peachum — Baker Street, do número 2 ao 104. Aí inclusive é mais barato. Apenas cinquenta por cento, incluído o equipamento.

FILCH — Aqui está. Paga.

PEACHUM - Seu nome?

FILCH — Charles Filch.

Peachum. Está certo. Grita: Dona Célia! Entra a senhora Peachum. Este é Filch. Número 314. Distrito Baker Street. Eu mesmo faço o registro. Já entendi, você quer o emprego justamente agora que vamos ter as festas da coroação: oportunidade única na vida de um homem para faturar uns trocados. Equipamento C.

Abre a cortina diante de uma vitrina, onde se encontram manequins vestidos.

FILCH — O que é isso?

Peachum — Estes são os cinco tipos básicos da miséria capazes de comover o coração humano. Ao ver tais tipos, o homem cai naquele incomum estado de espírito que o predispõe a soltar o dinheiro.

Equipamento A: vítima do progresso dos meios de transporte. O aleijado bem-humorado, sempre alegre — mostra como se faz —, sempre despreocupado, exacerbado por um toco de braço.

Equipamento B: vítima da arte da guerra. O tremetreme importuno, molesta os transeuntes, inspira repulsa — mostra como se faz —, atenuada por condecorações. Equipamento C: vítima do progresso industrial. O cego digno de piedade ou A Escola Superior da Arte de Mendigar. Mostra como se faz, cambaleando em direção a Filch. No momento em que ele se choca com Filch, este dá um grito de pavor. Peachum pára de imediato, examina-o, espantado, de alto a baixo, e grita repentinamente: Ele está com pena! Você jamais será um mendigo nessa vida! Isso aí só serve para ser transeunte! Portanto, Equipamento D! Célia, você andou bebendo de novo! E agora está que nem consegue enxergar. O número 136 se queixou do traje. Quantas vezes ainda tenho que lhe dizer que um cavalheiro distinto não veste trapos imundos. O número 136 pagou um traje novinho em folha. Neste caso, são as manchas que inspiram piedade. Bastava você ter aplicado parafina com um ferro quente. Para que é que você tem a cabeça? A gente tem que fazer tudo sozinho! Para Filch: Tire essa roupa e bota essa aqui, e vê se tem cuidado com ela!

FILCH — E o que vai acontecer com as minhas coisas?

Peachum — Agora pertencem à firma. Equipamento E: jovem que conheceu dias melhores, isto é, cujo berço não lhe prometia tanta desgraça.

FILCH — Então o senhor vai reutilizá-las. E por que eu mesmo não posso fazer esse negócio dos dias melhores?

PEACHUM — Porque ninguém acredita na nossa verdadeira miséria, meu filho. Se você tem dor de barriga e diz que tem, só causa aversão. Aliás, aqui você não tem nada que perguntar, tem só é que vestir esses trapos.

FILCH — Eles não estão um tanto sujos? Como Peachum lhe lança um olhar fulminante: Desculpe, senhor, por favor, desculpe.

- Senhora Peachum Vê se anda ligeiro, rapazinho, não vou ficar segurando suas calças até o ano que vem.
- FILCH, de repente, com muita veemência Mas as minhas botas eu não tiro! De jeito nenhum. Aí, prefiro desistir. É o único presente que recebi da minha pobre mãe, e nunca, jamais, mesmo que eu estivesse na sarjeta...
- SENHORA PEACHUM Não fala bobagem, sei muito bem que você está é com os pés sujos.
- FILCH Também, onde é que eu podia lavar meus pés? Com esse inverno todo!

A senhora Peachum o leva para trás de um biombo, depois senta-se à esquerda e passa parafina num traje com um ferro quente.

Peachum — Onde está sua filha?

Senhora Peachum — Polly? Lá em cima!

- Peachum Aquele sujeito esteve aqui ontem de novo? Aquele que sempre vem quando não estou em casa!
- SENHORA PEACHUM Não seja tão desconfiado, Jonathan. Não há cavalheiro mais fino do que ele. O senhor Capitão aprecia muito a nossa filha.

PEACHUM — Ah, é?

- SENHORA PEACHUM E se é que eu tenho um tiquinho de massa cinzenta, Polly também gosta muito dele.
- PEACHUM Célia, você solta sua filha por aí como se eu fosse algum milionário! Quer que ela se case, não é? Pois muito bem, você acha que esta porcaria de loja se agüentaria por mais uma semana se essa gentalha de clientes desse de cara só com as nos sas pernas? Um noivo! Logo, logo cairíamos todos nas garras dele! Ele nos teria assim, ó! Você acredita que, na cama, sua filha tem mais talento para ficar calada do que você?
- SENHORA PEACHUM Bela imagem que você faz da sua filha!
- Peachum A pior. A pior de todas. Ela não passa de um poço de sensualidade!

- SENHORA PEACHUM Aliás, nisso, ela não puxou a você.
- PEACHUM Casar! Minha filha tem que ser para mim o que o pão é para o pobre folheando —; até a Bíblia diz isso. Casar, grande porcaria! Num instante, eu tiro essa idéia de casamento da cabeça dela.
- SENHORA PEACHUM Jonathan, você é simplesmente um ignorante.
- Peachum Ignorante! Como é mesmo o nome daquele cavalheiro?
- SENHORA PEACHUM Chamam ele apenas de "Capitão".
- Peachum Quer dizer que nunca nem perguntaram o nome dele? Interessante!
- Senhora Peachum Nós não seríamos tão grossas a ponto de lhe perguntar pela certidão de nascimento, ainda mais depois de ele ter tido a fineza de nos convidar para dançar no Hotel do Polvo.

PEACHUM — Onde?

SENHORA PEACHUM — Dançar no Hotel do Polvo.

Peachum — Capitão? Hotel do Polvo? Ah... sei, sei...

SENHORA PEACHUM — Este senhor sempre tratou a mim e a minha filha com luvas de pelica.

PEACHUM — Luvas de pelica!

- SENHORA PEACHUM Aliás, ele está sempre de luvas, e por sinal brancas: luvas de pelica brancas.
- PEACHUM Sei, luvas brancas e uma bengala com castão de marfim e polainas e sapatos de verniz e um modo encantador e uma cicatriz...
- SENHORA PEACHUM No pescoço. Mas como? Então você já sabe quem é?

Filch sai devagar de trás do biombo.

FILCH — Senhor Peachum, não dava para o senhor me dar mais uma dica? Sempre fui a favor de um sistema, e não de ficar falando de improviso.

SENHORA PEACHUM — É de um sistema que ele precisa!

Peachum — Que ele faça um idiota. Você volta às seis horas e aí nós vamos lhe ensinar o necessário. Cai fora!

FILCH — Obrigado, senhor Peachum, muito obrigado. Sai.

Peachum — Cinquenta por cento! — E agora lhe direi quem é este senhor de luvas: Mac Navalha.

Sobe correndo a escada até o quarto de Polly.

SENHORA PEACHUM — Oh, meu Deus! Mac Navalha! Jesus! Oh, meu Jesus, visitai esta casa! - Polly! O que houve com Polly?

Peachum volta devagar.

РЕАСНИМ — Polly? Polly não voltou para casa. A cama dela não está desfeita.

SENHORA PEACHUM — Então ela foi cear com o comerciante de lã. Com certeza, Jonathan!

Peachum — Deus queira que tenha sido o comerciante de lã.

Senhor e senhora Peachum se colocam diante da cortina e cantam. Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

CANÇÃO DO EM-VEZ-DE

PEACHUM - Em vez de viver Em seu lar, no seu leito deitar, Elas querem prazer, Querem extravagâncias sem par.

SENHORA PEACHUM — É do Soho o luar

E a letra danada daquela toada: "Para onde fores, irei eu também, meu Johnny", a soar

Quando surge o amor e a lua prateada.

2

PEACHUM — Em vez de fazer Algo que tem sentido na vida, Elas querem prazer, E o fim é — sarjeta fedida.

Ambos - Onde foi-se do Soho o luar?

E a letra danada daquela toada:

"Para onde fores, irei eu também, meu Johnny", a soar Quando acaba o amor e tu acabas na lama metida?

2

NO CORAÇÃO DO SOHO, O BANDIDO MAC NAVALHA CELE-BRA SEU CASAMENTO COM POLLY PEACHUM, A FILHA DO REI DOS MENDIGOS

Ilma estrebaria vazia.

MATTHIAS, chamado Matthias-moeda, revolver na mão, fazendo correr a luz de uma lanterna por todos os cantos da estrebaria - Alô, se tiver alguém aí, mãos ao alto!

Macheath entra e dá uma volta pela cena.

MACHEATH — Então, tem gente aí?

MATTHIAS - Ninguém! Aqui poderemos celebrar o casamento em paz.

Polly entra vestida de noiva — Mas isto aqui é uma estrebaria!

MAC — Senta por enquanto aí no cocho, Polly. Para o público: Celebrar-se-á hoje, nesta estrebaria, minha boda com a senhorita Polly Peachum, que por amor me seguiu para compartilhar comigo a minha vida futura.

MATTHIAS — Muita gente em Londres dirá que foi a maior façanha que você realizou até hoje, isso de ter tirado da casa paterna a única filha do senhor Peachum.

Mac - Quem é o senhor Peachum?

MATTHIAS — Ele mesmo dirá que é o homem mais pobre de Londres.

Polly — Mas você não está querendo celebrar o nosso casamento neste lugar! Isto aqui não passa de uma simples estrebaria! E chamar o pastor aqui, nem pensar. Além do mais, ela sequer é nossa. Realmente, Mac, não deveríamos começar nossa nova vida invadindo a propriedade alheia. Afinal, este é o dia mais lindo de nossas vidas.

Extrato das "Notas à Opera de três vinténs" *

Observações para os atores **

(As notas no texto referem-se às Observações para os atores)

No que diz respeito à transmissão do enredo, o espectador não deve ser levado a trilhar o caminho da empatia, mas que se estabeleça uma comunicação entre o espectador e o ator, na qual, apesar de toda a estranheza e todo o distanciamento, o ator em última instância se dirija diretamente ao espectador. Assim, o ator deve narrar mais ao espectador sobre a personagem a ser representada do que "está em seu papel". Claro que ele terá de assumir aquela atitude através da qual o acontecimento flui com facilidade. Porém, ele também deve ser capaz de se relacionar com acontecimentos diferentes dos do argumento, portanto não apenas atender ao argumento. Por exemplo, numa cena de amor com Macheath, Polly é não apenas a amada de Macheath, mas também a filha de Peachum; e nem sempre só a filha, mas também a empregada de seu pai. Suas relações com o espectador têm de conter sua crítica às imagens usuais do espectador quanto ao que seja uma mulher de bandido, uma filha de comerciante e assim por diante.

- [Vide notas restantes nos Escritos para o Teatro (Schriften zum Theater), notas às peças e às representações.]
- ** Comparem-se as Notas à Ópera [in Escritos para o Teatro (Schriften zum Theater), notas às peças e notas.]

MAC — Minha querida, tudo será como você deseja, para que o teu pé não tropece em alguma pedra. Até a mobilia já está encomendada.

MATTHIAS — Os móveis estão chegando.

Ouve-se o barulho de grandes caminhões que chegam. Meia dúzia de homens entra carregando tapetes, móveis, louças etc., com que transformam a estrebaria num local exageradamente luxuoso.¹

Mac — Que lixo.

Depositam os presentes à esquerda, cumprimentam a noiva e prestam contas ao noivo.²

JAKOB, chamado Jakob-dedo-de-gancho — Felicidades! Ginger Street, 14. Havia gente no primeiro andar. Tivemos que desinfetar a área antes.

ROBERT, chamado Robert-serrote — Felicidades! Um policial virou presunto na beira do rio.

MAC — Amadores.

EDE — Fizemos o que pudemos, mas não deu para salvar as três pessoas no Westend, elas estavam mesmo a fim de morrer. Felicidades.

MAC — Amadores e incompetentes.

JIMMY — Sobrou um pouco para um velho também. Mas não acho que tenha sido grave. Felicidades.

- MAC Minhas instruções eram: sem derramamento de sangue! Fico doente só de pensar nisso. Vocês nunca serão homens de negócios! Canibais, sim, mas homens de negócios, jamais!
- 1. Os atores deveriam evitar apresentar esses bandidos como um bando daquelas tristes figuras de lenços vermelhos que animam as feiras e com as quais nenhum homem honesto tomaria um chope. Trata-se naturalmente de homens assentados na vida, alguns corpulentos e todos, sem exceção, bem sociáveis fora de seu trabalho.
- 2. Aqui os atores terão a oportunidade de mostrar a utilidade das virtudes burgueses, bem como a relação íntima entre sentimentalismo e vigarice.

Walter, chamado Walter-salgueiro-chorão — Felicidades. Este cravo, madame, até uma meia hora atrás pertencia à duquesa de Somersetshire.

Polly — Que móveis são esses?

MAC - Você gosta dos móveis, Polly?

Polly chora — Toda essa pobre gente, e só por causa de alguns móveis.

MAC — E que móveis! Tudo lixo! Você tem toda razão de ficar aborrecida. Um cravo marchetado junto de um sofá renascentista. Imperdoável. E mesa? Não trouxeram nenhuma?

WALTER - Mesa?

Colocam algumas tábuas sobre os cochos.

Polly — Oh, Mac! Sinto-me tão infeliz! Deus queira que pelo menos o pastor não venha.

MATTHIAS — Claro que vem. Explicamos o caminho para ele direitinho.

Walter apresentando a mesa — Aqui está a mesa!

MAC, pois Polly está chorando — Minha esposa está horrorizada. E as cadeiras? Afinal, onde estão? Um cravo e nenhuma cadeira. Para que é que vocês têm cabeça? E justamente hoje, quantas vezes acontece de eu celebrar a minha boda, hein? Cala a boca, Salgueiro-chorão! Quantas vezes acontece, hein, de eu deixar vocês fazerem algo sozinhos? Assim vocês tornam minha esposa infeliz logo no primeiro dia.

EDE — Querida Polly...

MAC, tirando-lhe o chapéu com um safanão³ — "Querida Polly!" Vou te afundar a cabeça até as tripas com o seu "Querida Polly!", seu cagão. Onde já se ouviu isso, "Querida Polly!" Você por acaso dormiu com ela?

3. Deve-se mostrar que energia brutal um homem tem de despender para criar condições favoráveis a uma postura digna de um homem civilizado (como, por exemplo, a de um noivo).

POLLY - Mac, por favor!

EDE - Bem, eu juro que...

Walter — Minha ilustre senhora, se ainda faltam algumas peças da mobília, a gente pode sair mais uma vez para...

MAC — Um cravo marchetado e nenhuma cadeira. Ri. O que acha disso, você que é a noiva?

Polly - Na verdade, isso não é o pior.

MAC — Duas cadeiras e um sofá, e os noivos sentam no chão.

Polly — É, imagina só!

MAC incisivo — Serrem as pernas deste cravo! Anda, rápido! Quatro Homens serram os pés do cravo e cantam:

Bill Lawgen e Mary Syer
Tornaram-se marido e mulher,
Mas, quando se casaram na capela,
Ele ignorava de onde vinha a roupa dela,
E ela não sabia o nome dele sequer.
Viva!

WALTER — E assim, ilustre senhora, temos um final feliz: do cravo surge um banquinho.

MAC — E agora eu pediria aos senhores que tirassem esses trapos imundos e se arrumassem como convém. Afinal, não se trata do casamento de um qualquer. Polly, você poderia cuidar dos comes e bebes.

POLLY — É este o banquete nupcial? Tudo roubado, Mac? Mac — Mas claro!

Polly — Eu queria saber o que você faria se batessem à porta e fosse o xerife.

MAC — Aí você veria do que é que o seu homem é capaz.

MATTHIAS — Isto é totalmente impossível hoje. É claro que toda a polícia montada está em Daventry. Foram receber a rainha por causa da coroação na sexta-feira.

Polly — Duas facas e quatorze garfos. Uma faca para cada cadeira.

MAC — Que fracasso, assim não dá! Trabalho de aprendiz, não de homens competentes! Vocês não têm idéia do que seja estilo, não? Tá na cara a diferença entre um Chippendale e um Louis XIV!

O bando volta. Os senhores vestem agora elegantes trajes de noite, mas infelizmente, durante o resto da cena, não se comportam de acordo.

Walter — Na verdade, queríamos trazer as coisas mais preciosas. Dá uma olhada nessa madeira! O material é de primeiríssima.

MATTHIAS — Psiu! Psiu! Com sua licença, Capitão...

Mac — Polly, vem cá.

O casal se coloca em posição de quem vai receber cumprimentos.

MATTHIAS — Com sua licença, Capitão, gostaríamos, no mais belo de seus dias, na primavera de sua carreira, quero dizer, neste momento solene em que começa uma nova vida, expressar os nossos mais sinceros e ao mesmo tempo mais profundos votos de felicidade etc. Ai que nojo este tom metido a besta. Bem, curto e grosso — apertando a mão de Mac: cabeça erguida, meu velho!

MAC - Obrigado, Matthias, você foi muito gentil.

Matthias apertando a mão de Polly depois de ter abraçado Mac, emocionado — Isto é de coração! Nada de abaixar a cabeça, patroa, isto é — com um sorrisinho —, quanto à cabeça, é ele que não pode deixá-la abaixar.

Gargalhadas barulhentas dos convidados. De repente, Mac dá uma gravata em Matthias, derrubando-o facilmente no chão.

MAC — Cala essa boca. Vai contar essas piadinhas sujas para sua Kitty, ela é a rameira certa para isso.

POLLY - Mac, não seja tão vulgar.

MATTHIAS — Olha, esse negócio de chamar Kitty de rameira, eu não gostei... Levanta-se com dificuldade.

MAC - Ah, é? Não gostou?

MATTHIAS — E tem mais, da minha boca ela nunca ouviu piadinhas sujas. Tenho Kitty em alta consideração, coisa que você talvez nem seja capaz de entender, do jeito que você é. Aliás, você é a pessoa indicada para reprovar piadinhas sujas. Pensa que a Lucy não me contou o que você disse pra ela? Comparado com isso, sou até uma luva de pelica.

Mac lhe lança um olhar significativo.

JAKOB — Vamos, vamos, afinal estamos num casamento.

Afastam Matthias.

Mac — Belo casamento, hein, Polly? Rodeada por todo esse lixo no dia da sua boda. Você também não teria imaginado que seu marido fosse deixado assim por seus amigos! A gente sempre aprende.

Polly - Até que estou gostando.

Robert — Bobagem. Ninguém aqui falou em deixar ninguém. Divergência de opinião é coisa que acontece em qualquer lugar. Nós gostamos tanto da sua Kitty como de qualquer outra. E agora, Moedinha, passa pra cá seu presente de núpcias.

Todos - Vamos, vamos, o presente!

Matthias sentido - Aqui está.

Polly — Ah, um presente de núpcias. Mas que amável, senhor Matthias-moeda. Mac, que camisola mais bonita.

MATTHIAS — Talvez seja mais uma piadinha suja, hein, Capitão?

MAC — Está bom. Não queria te ofender neste dia festivo.

Walter — E o que me dizem disto? Chippendale! Descobre um enorme relógio de pé, estilo Chippendale.

- MAC Louis XIV.
- Polly Ele é magnífico. Estou tão feliz. Não tenho palavras. Os senhores são maravilhosamente atenciosos. Que pena a gente não ter um apartamento onde colocar tudo isso, não é, Mac?
- MAC Bem, estamos apenas começando. Todo começo é difícil. Muitíssimo obrigado, Walter. Bom, tirem isso daqui. Vamos à comida!
- Jakob, enquanto os outros põem a mesa E eu, como sempre, mais uma vez não trouxe nada. Para Polly, de uma maneira solicita: Creia-me, jovem senhora, para mim isto é profundamente constrangedor.
- Polly Senhor Jakob-dedo-de-gancho, isso não tem a menor importância.
- JAKOB A rapaziada chega a esbanjar com presentes, e eu aqui de mãos abanando. Compreenda a minha situação. Mas comigo é sempre assim. Eu poderia lhe contar cada coisa, meu Deus, a senhora ficaria pasma! Ainda outro dia, encontrei com a Jenny-Espelunca, olá, disse, e aí?, sua puta velha...

De repente, vê Mac parado atrás dele e sai sem dizer mais uma palavra.

Mac conduzindo Polly para o seu lugar — Eis a melhor comida que você poderia provar neste dia, Polly. Por favor!

Todos se sentam à mesa do banquete.4

4. Deve-se mostrar a exposição da noiva e da sua dimensão casual no momento da posse definitiva. Pois no instante em que a oferta deve cessar, a demanda tem de atingir mais uma vez sua culminância. A noiva é cobiçada por todos, e o noivo é quem, por fim, "ganha a parada". Trata-se, portanto, de um incidente essencialmente teatral. Deve-se mostrar, também, que a noiva come muito pouco. Freqüentemente vêem-se as pessoas mais delicadas engolirem galinhas e peixes inteiros. As noivas jamais fazem isso.

- EDE apontando para o serviço Bonitos pratos! Hotel Savoy!
- JAKOB Os ovos com maionese são de Selfridge. Estava ainda previsto um balde de paté de foie gras. Mas, no caminho, o Jimmy devorou tudo de tanta raiva, porque o balde tinha um buraco.

WALTER — Gente fina não usa a palavra buraco.

JIMMY — Não devore os ovos assim, Ede, pelo menos hoje!

MAC — Por que ninguém canta alguma coisa? Algo que deleite?

MATTHIAS engasga de tanto rir — Algo que deleite? Que palavra mais chique. Sob o olhar aniquilador de Mac, torna a sentar-se.

Mac arranca a travessa da mão de um deles com um safanão — Na verdade, eu não queria que começássemos a comer já. Vocês sempre atacam a mesa e caem logo de boca na comida. Mas eu teria preferido antes alguma coisa solene. Afinal, com outras pessoas também sempre acontece algo especial, num dia como este.

JAKOB — O quê, por exemplo?

MAC — Será que eu tenho que inventar tudo sozinho? Claro que não estou esperando nenhuma ópera aqui. Mas vocês bem que poderiam ter preparado alguma coisa, algo que não se resumisse em comer e contar piadinhas sujas. Pois é, num dia como este é que ficamos sabendo até que ponto podemos contar com os amigos.

POLLY — O salmão está maravilhoso, Mac.

EDE — É, um assim a senhora ainda não engoliu. Com Mac Navalha, tem isto todos os dias. A senhora deu um verdadeiro golpe do baú. É como eu sempre digo: Mac é um partidão para moças que aspiram a coisas elevadas. Ainda ontem estava dizendo isto para Lucy.

Polly - Lucy? Quem é Lucy, Mac?

JAKOB embaraçado — Lucy? Ora, sabe, a senhora não devia

Matthias se levanta e gesticula atrás de Polly para que

Polly olbando para ele — Está precisando de alguma coisa? Sal, talvez...? O que era mesmo que queria dizer, senhor Jakob?

Jaков — Oh, nada, absolutamente nada. Realmente, eu não queria expressamente dizer absolutamente nada. Eu ainda vou me dar mal.

Mac — Que é que você tem aí na mão, Jakob?

Jaков — Uma faca, Capitão.

MAC — E o que é mesmo que você tem no prato?

Jaков — Uma truta, Capitão.

MAC — Pois é, quer dizer então que você come a truta com a faca. Isso é uma vergonha, Jakob. Você viu uma coisa dessas, Polly? Comer o peixe com a faca! Quem faz isso é simplesmente um animal, entendeu, Jakob? A gente sempre aprende. Você terá um bocado de trabalho, Polly, para transformar estes bostas em homens. Por acaso, vocês sabem o que isso significa: um homem?

WALTER - Homem ou himen?

Polly — Que horror, senhor Walter!

MAC — Então, vocês não querem cantar nada, nenhuma canção que embeleze o dia? Vai ter que ser mesmo aquela porcaria de dia, triste, ordinário, maldito como todos os outros? Tem ao menos alguém lá fora, vigiando a porta? Será que eu mesmo vou ter que fazer isso também? Então, eu mesmo, no dia de hoje, vou ter que vigiar a porta, para que vocês fiquem aqui dentro, enchendo a barriga à minha custa?

Walter mal-humorado — Que é que você quer dizer com

JIMMY — Pára, Waltinho! Já estou indo lá fora. Mas quem teria a idéia de vir até aqui? Sai.

JAKOB — Seria engraçado se num dia como este todos os convidados do casamento acabassem na cadeia.

JIMMY entrando precipitadamente — Capitão, os tiras!

WALTER - Brown, o tigre!

Matthias — Bobagem, é o reverendo Kimball.

Kimball entra.

Todos gritando — Boa noite, reverendo Kimball!

Kimball — Até que enfim encontrei vocês. Uma casinha modesta, esta aqui, mas o que conta é que ela é própria.

Mac - Do duque de Devonshire.

Polly - Boa noite, reverendo. Ah, estou tão feliz que Sua Reverendíssima, no dia mais lindo de nossas vidas...

Mac - E agora, por favor, um hino em homenagem ao reverendo Kimball.

MATTHIAS - Que tal a do Bill Lawgen e Mary Syer?

JAKOB — É... Bill Lawgen, pode ser.

KIMBALL — Seria tão bonito ver vocês se soltarem um pouco, rapazes!

Matthias — Comecemos, meus senhores.

Três homens se levantam e cantam de uma maneira hesitante, fraca e insegura:

CANÇÃO DE NÚPCIAS PARA GENTE POBRE

Bill Lawgen e Mary Syer Tornaram-se marido e mulher, (Viva! Viva! Viva!) Mas, quando se casaram na capela, Ele ignorava de onde vinha a roupa dela, E ela não sabia o nome dele sequer. Viva!

Sabe onde sua mulher trabalha? Não! Pretende abandonar seus vícios? Não! (Viva! Viva! Viva!)

Bill Lawgen confessou-me isto à parte: Eu quero dela só uma pequena parte. Porcalhão! Viva!

MAC - Só isso? Que precariedade!

MATTHIAS engasga de novo — Precariedade, eis a palavra certa, meus senhores, precariedade.

MAC — Cala essa boca!

Matthias — Bem, eu só queria dizer que faltou alma, calor, algo assim.

Polly -Meus senhores, se ninguém quer cantar nada, eu mesma apresentarei um numerozinho, isto é, vou imitar uma menina que eu vi uma vez num desses botecos-dequatro-vinténs, lá no Soho. Ela era a copeira e, vejam, senhores, todo mundo ria dela; mas aí ela se dirigia aos fregueses e dizia para eles o que eu agora cantarei para os senhores. Bem, isto aqui é o pequeno balcão, imaginem que ele está horrivelmente sujo, e atrás dele, ela ficava, dia e noite. Este é o balde e este é o esfregão com o qual ela lavava os copos. Onde estão sentados os senhores, estavam os fregueses que riam dela. Os senhores também podem rir para que tudo fique exatamente como era; mas se não puderem, também não precisam rir. Ela faz como se levasse os copos, murmurando algo para si. Agora, por exemplo, um dos senhores vai dizer — apontando para Walter - o senhor: Então, quando é que vai chegar teu navio, Jenny?

WALTER — Então, quando é que vai chegar teu navio, Jenny?

Polly — E um outro diz, o senhor por exemplo: Você continua lavando os copos, Jenny, sua noiva de piratas?

MATTHIAS — Você continua lavando os copos, Jenny, sua noiva de piratas?

Polly — Isso, e agora eu começo.

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

JENNY-PIRATA

1

Meus senhores, hoje eu lavo copos
E faço a cama de qualquer freguês,
Aceitando gorjetas, no papel
De pobre empregada num sujo hotel,
E ninguém me pergunta: quem és?
Mas um dia ouvem-se gritos no porto
E perguntam: que sons infernais?
Ao me verem sorrindo sobre os copos:
Por que raios sorri sempre mais?
E a nau de oito velas,
Com cinqüenta canhões,
Ancora no cais.

2

E dizem: lava seus copos, menina!
E dão-me algum vintém.
A grana é tomada, a cama feita ligeiro,
Mas ninguém deita mais no travesseiro,.
E quem sou, não sabe ninguém!
Mas um dia ouvem-se gritos no porto
E perguntam: que sons infernais?

Ao me verem de pé atrás das janelas, Dizem: que sorriso de azar! E a nau de oito velas, Com cinqüenta canhões, Bombardeia o lugar.

3

Meus senhores, seu riso logo passa.

Estes muros estão por cair,
A cidade está por ser devastada,
Só um sujo hotel sobra no nada:
E quem vivo consegue sair?
Nesta noite, ouvem-se gritos em torno
E dizem: por que o hotel se salvou?
Quando fecho a porta pela última vez,
Perguntam: é ela quem lá morou?

E a nau de oito velas,
Com cinqüenta canhões,
Embandeira o convés.

4

Desembarcam cem homens ao meio-dia,
E nas sombras vão se envolver
E prendem um em cada lugar,
Para eu os presos julgar,
Perguntando: quem deve morrer?
E reina silêncio total no porto
Quando indagam: quem deve ser morto?
Todos! — falo sem pestanejar.
E ao tombar a cabeça, digo: — oba!
E a nau de oito velas,
Com cinquenta canhões,
Some comigo no mar.

MATTHIAS — Que legal, engraçado, não é? Como ela leva jeito, a madame!

Mac — Como assim, legal? Isso não tem nada de legal, seu idiota! Isso é arte, não é legal. Você esteve maravilhosa, Polly. Mas para esses bostas, queira desculpar, reverendo, nem vale a pena. Com voz baixa para Polly: Aliás, não me agrada nada em você esse tipo de encenação, faça-me o favor de não repeti-la no futuro. Gargalhadas na mesa. O bando ri-se do pastor. O que é mesmo que o senhor tem na mão, reverendo?

Jaков — Duas facas, Capitão!

MAC — E o que é que o senhor tem no prato, reverendo?

KIMBALL — Salmão, creio eu.

MAC — Pois é, quer dizer então que o senhor come o salmão com a faca?

JAKOB — Vocês já viram uma coisa dessas, comer o peixe com a faca? Quem faz isso é simplesmente um...

MAC — Animal. Entendeu, Jakob? A gente sempre aprende.

JIMMY entra precipitadamente — Capitão, os tiras. O xerife em pessoa.

WALTER - Brown, o tigre.

Mac — Sim, Brown-o-tigre, perfeitamente. É ele mesmo, Brown-o-tigre, o supremo xerife de Londres, o sustentáculo de Old Bailey, que agora fará sua entrada no humilde barraco do Capitão Macheath. Vejam se aprendem!

Os bandidos se escondem.

JAKOB — Isso vai dar forca na certa!

Brown entra.

MAC — Alô, Jackie!

Brown — Alô, Mac! Não posso me demorar, preciso voltar logo. Tinha que ser justamente uma estrebaria alheia? De novo um arrombamento!

Mac — Ora, Jackie, estava tão à mão. Fico feliz de você ter vindo participar do casamento de seu velho amigo Mac.

Deixa eu lhe apresentar agora minha senhora, da família Peachum. Polly, este aqui é Brown-o-tigre, não é mesmo, meu chapa? Dá tapinhas no ombro dele. E aqui estão meus amigos, Jackie. Você já deve tê-los visto alguma vez.

Brown aflito — Mas eu não vim aqui a serviço, Mac.

MAC — Eles também não. Ele os chama. Entram todos de mãos ao alto. — Alô, Jakob!

Brown — Este é Jakob-dedo-de-gancho, um grande porco.

MAC - Alô Jimmy, alô Robert, alô Walter!

Brown - Ok, esquece por hoje.

MAC - Alô Ede, alô Matthias!

Brown — Sentem-se, senhores, sentem-se!

Topos — Muito obrigado, senhor.

Brown — Muito me alegra conhecer a bela senhora de meu velho amigo Mac.

Polly - Não há de quê, senhor.

MAC — Senta aí, velho marujo, e dá um mergulho no whisky! — Minha querida Polly, meus senhores! Recebemos hoje em nosso meio um homem que os impenetráveis desígnios do rei colocaram muito acima de seus pares, mas que, no entanto, permaneceu meu amigo em todas as tormentas e reveses etc. etc. Os senhores sabem de quem estou falando — e você também sabe, Brown. Ah, Jackie, você se lembra como nós dois, você um soldado e eu um soldado, servíamos na Índia? Ah, Jackie, vamos cantar agora a canção dos canhões!

Os dois sentam na mesa.

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

CANÇÃO DOS CANHÕES

1

John estava lá e Jim também,
E Georgie tornou-se sargento;
Não importa, na guerra, quem é quem,
Ao partir pro ofício sangrento.
Viva a brigada
Na canhonada
Do Cabo ao Industão:
Na chuva ou granizo,
Diante do paraíso,
Achando muita graça
Em cada nova raça,
Faziam dela picadinho com feijão.

2

Johnny achava o whisky muito quente Jimmy se queixava do frio,
Mas Georgie puxou-os de lado: Gente,
A guerra é um desafio!
Viva a brigada
Na canhonada
Do Cabo ao Industão:
Na chuva ou granizo,
Diante do paraíso,
Achando muita graça
Em cada nova raça,
Faziam dela picadinho com feijão.

3

John já morreu e Jim está morto, De Georgie, nem sombra no mundo, Mas o sangue é rubro, o mundo, torto, E a guerra é um poço sem fundo.

Sentados, mexem com os pés como se estivessem marchando. Viva a brigada
Na canhonada
Do Cabo ao Industão:
Na chuva ou granizo,
Diante do paraíso,
Achando muita graça
Em cada nova raça,
Faziam dela picadinho com feijão.

MAC - Embora a vida com suas torrentes caudalosas nos tenha separado violentamente, nós, amigos de juventude, embora nossos interesses profissionais sejam absolutamente distintos e, alguns até diriam, antagônicos, nossa amizade sobreviveu a tudo. Vejam se aprendem! Cástor e Pólux, Heitor e Andrômaca etc. etc. Raramente eu, o simples rato de rua, bem, vocês sabem o que quero dizer, fiz uma pequena pescaria sem dar-lhe, ao meu amigo, uma parte, uma considerável parte, hein?, Brown, como presente e prova de minha inextinguível fidelidade, e raramente ele - tira a faca da boca, Jakob! -, ele, o todo-poderoso chefe de polícia, deu uma blitz sem antes me dar uma pequena dica, a mim, seu amigo de juventude. Bem, e assim por diante, afinal é essa a lei da reciprocidade. Vejam se aprendem. Dá o braço a Brown. Bem, velho Jackie, fico feliz de você ter vindo, isto é que é verdadeira amizade. Pausa, pois Brown lança um olhar preocupado a um tapete. É um persa legítimo.

Brown — Da Companhia de Tapetes Orientais.

MAC — É de lá que nós pegamos tudo o que precisamos. Sabe, Jackie, fiz questão de tê-lo aqui hoje; porém, sua posição... espero que isso não crie problemas para você.

Brown — Ora, Mac, você sabe muito bem que eu não posso lhe recusar nada. Mas agora preciso ir. Tenho mil preocupações na cabeça; se acontecer o menor incidente na coroação da rainha...

MAC — Escute aqui, Jackie, o meu sogro é um nojento de um burro velho. Se ele tentar me aprontar uma, será que na Scotland Yard consta alguma coisa contra mim?

Brown — Não consta absolutamente nada contra você na Scotland Yard.

MAC - É claro.

Brown — Dei sumiço a tudo. Boa noite.

MAC — Vocês não vão se levantar?

Brown para Polly — Muitas felicidades! Sai, acompanhado de Mac.

JAKOB, que, acompanhado por Matthias e Walter, conversava com Polly — Devo confessar que senti um certo medo quando disseram que Brown-o-tigre estava chegando.

MATTHIAS — Pois saiba, distinta senhora, que nós temos lá as nossas relações com as mais altas autoridades.

Walter — É, quando a gente nem imagina, Mac tem sempre uma carta na manga. Mas nós também temos as nossas cartinhas. Meus senhores, são nove e meia.

Matthias — E agora vem o principal.

Todos vão para trás do tapete, que esconde algo. Mac entra.

MAC - E aí, o que está acontecendo?

MATTHIAS — Mais uma pequena surpresa, Capitão.

Atrás do tapete, cantam suave e animadamente a canção de Bill Lawgen. Mas quando chegam ao verso "...não sabia o nome dele sequer", Matthias arranca o tapete; agora todos cantam de modo grosseiro, batendo na cama que estava escondida atrás do tapete.

Mac — Muito obrigado, meus amigos, muito obrigado.

WALTER — Bem, então vamos sair de fininho.

Todos saem.

MAC — E agora é a vez do sentimento. Senão o homem vira um animal de carga. Sente-se, Polly.

Música.

MAC — Vês a lua sobre o Soho?

Polly — Eu vejo, querido. Sentes meu coração bater, amado?

MAC — Eu sinto, amada.

Polly — Para onde fores, irei eu também.

Mac — E onde ficares, eu ficarei também.

Ambos — Mesmo sem registro civil afinal,

E sem flor no altar,

Sem saber de onde vem teu vestido nupcial,

Sem grinalda para te enfeitar —

O prato, do qual tu comeste teu pão,

Sem dó, deves longe jogar!

O amor dura ou chega ao fim,

Neste ou noutro lugar.

3

PARA PEACHUM, QUE CONHECE AS AGRURAS DO MUNDO, PERDER SUA FILHA SIGNIFICA A RUÍNA TOTAL

Rouparia para mendigos de Peachum.

À direita, o senhor e a senhora Peachum. Na porta está Polly, vestida de mantô e chapéu, segurando uma mala na mão.

SENHORA PEACHUM — Casada? Primeiro, nós a cobrimos toda de vestidos e chapéus e luvas e sombrinhas, e depois que ela já nos saiu tão cara quanto um transatlântico, ela mesma se joga na sarjeta como um pepino podre. Você casou mesmo?

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se: COM UMA PEQUENA CANÇÃO, POLLY INSINUA AOS PAIS SEU CASAMENTO COM O LADRÃO MAC-HEATH

1

Outrora, ainda inocente — Eu era inocente, podem crer! — Pensei: talvez, um dia, venha um cavalheiro, Então, devo saber o que fazer. Se ele for rico, Se for amável. Com o pescoço cheirando a loção, Se for bem-educado com a dama, Então, minha resposta será: "não". Pois a gente deve ser inacessível E manter-se imparcial. Certamente a lua brilha a noite toda. E nas ondas se balança a canoa, Nada mais além disso, afinal. Sim, a gente deve negar-se, Deve manter frio o coração. Tanta coisa pode acontecer à noite, Mas eu sempre respondo: "não".

2

O primeiro veio de Kent —
Um galante dos pés à cabeça;
O outro tinha três navios no porto;
O terceiro pegou fogo depressa.
Mas como eram ricos,
E eram amáveis,
O pescoço cheirando a loção,
E sabiam respeitar a dama,
Então, minha resposta foi: "não".
Eu fui distante e inacessível
E mantive-me imparcial.
Certamente a lua brilhou a noite toda,

E nas ondas balançou-se a canoa, Nada mais além disso, afinal. Sim, a gente deve negar-se, Deve manter frio o coração. Tanta coisa pode acontecer à noite, Mas eu sempre respondo: "não".

3

Mas um dia, e o dia estava azul, Veio alguém, que não soube pedir: Pendurou seu chapéu atrás da porta, E eu não pude mais resistir. E como não era rico Nem era amável, Seu pescoço cheirando a sabão, E não soube respeitar a dama, A resposta não foi mais: "não". Então, tornei-me acessível, E não permaneci imparcial. Certamente a lua brilhou a noite toda, E nas ondas balançou-se a canoa, Tudo mais aconteceu, afinal. Pois a gente não deve negar-se E não deve manter frio o coração. Tanta coisa pode acontecer à noite, Ouando a resposta não é "não".

Peachum — Então, ela virou uma fêmea de criminoso. Muito bonito. Que beleza!

SENHORA PEACHUM — Já que você desceu tanto a ponto de se casar, tinha que ser com um ladrão de cavalo e salteador? Você ainda vai pagar caro por isso! Eu sabia que ia acabar assim. Já de criança tinha esse nariz em pé que nem a rainha da Inglaterra.

PEACHUM — Então, ela casou mesmo! SENHORA PEACHUM — É, ontem às cinco horas. PEACHUM — Com um criminoso notório. Pensando bem, temos aí uma prova da grande ousadia desse homem. Se dou de bandeja a minha filha, o único arrimo de minha velhice, então a minha casa desaba e eu fico a ver navios. Eu não ousaria abrir mão nem de um único fio de cabelo; isto seria morte certa por inanição. Ora, se nós três agüentássemos todo o inverno com uma única acha de lenha, aí, quem sabe, chegaríamos a ver o próximo ano. Quem sabe...

SENHORA PEACHUM — O que é que há com você, afinal? Esta é a nossa paga, Jonathan. Estou ficando louca. Está tudo girando na minha cabeça. Não me agüento em pé. Oh! Desmaia. Um copo de Cordial Médoc.

PEACHUM — Está vendo como você deixou sua mãe? Rápido! Então, uma fêmea de criminoso. Muito bonito. Que beleza! É notável como a pobre tomou isso a peito. Polly volta com uma garrafa de Cordial Médoc. Este é o único consolo que resta a tua pobre mãe.

Polly — Pode dar-lhe tranquilamente dois copos. Minha mãe aguenta uma dose dupla quando não está muito católica. Isto a porá de pé outra vez. Durante toda a cena, ela apresenta um aspecto muito feliz.

SENHORA PEACHUM acorda — Oh, agora ela vem de novo com este zelo fingido e este falso cuidado.

Entram cinco homens.5

5. Ao mostrar tais coisas como o negócio de Peachum, os atores não precisam se preocupar demais com o transcurso habitual da ação. Porém, eles não devem apresentar um ambiente, mas sim um acontecimento. O ator que fizer um desses mendigos tem de pretender mostrar a escolha de uma perna de pau adequada e convincente (experimentando uma, deixando-a de lado, experimentando outra para, em seguida, se decidir pela primeira), de maneira tal que, especialmente por causa deste número, as pessoas se resolvam a procurar o teatro mais uma vez, no momento em que ele se realiza, e nada impede que o teatro anuncie este número nos quadros do fundo da cena!

MENDIGO — A gente temos que se queixar com energia, em que aqui é uma porcaria, em que isto não é nenhum coto direito, mas um remendo mal-arranjado que com ele não jogo o meu dinheiro fora.

Peachum — Que é que você quer, este coto é tão bom quanto todos os outros, só que você não o mantém limpo.

MENDIGO — É, né? E por que eu não ganho tanto quanto todos os outros? Não, o senhor não pode fazer isso comigo. Joga o coto no chão. Para ter uma droga dessas, então era melhor cortar logo a minha perna de verdade.

PEACHUM — O que é que vocês querem, afinal? Por acaso é culpa minha se as pessoas têm um coração de pedra? Também não posso fornecer cinco cotos a vocês! Em cinco minutos, transformo um homem numa carcaça tão lamentável que até um cão choraria ao vê-lo! Pega aí mais um coto se um só não lhe basta. Mas cuide das suas coisas.

MENDIGO — É, assim vai dar pé.

PEACHUM examinando a prótese de outro — Couro não serve, Célia; borracha é bem mais nojenta! Ao terceiro: O inchaço também diminuiu, ainda por cima é o último. Agora a gente vai ter que começar tudo de novo. Examinando o quarto: Realmente, a tinha natural nunca chega a ser tão perfeita quanto a artificial. Ao quinto: Ora, mas que aparência é esta? Você se empanturrou de novo, agora vamos ter que tomar medidas drásticas.

Mendigo — Senhor Peachum, juro que não comi nada de mais, esta minha gordurinha não é nada normal. Não tenho culpa.

PEACHUM — Nem eu. Está despedido. Novamente ao segundo mendigo: Entre "comover" e "dar no saco" há uma diferença muito grande, meu caro. Eu preciso é de artistas. Hoje em dia, só os artistas é que tocam o coração. Se vocês trabalhassem direito, seriam aplaudidos de pé pelo público! O que falta é criatividade! Assim não vai dar para renovar o seu contrato. Os mendigos saem.

Polly — Chega aqui, dá só uma olhada. Você acha ele bonito? Não, né? Mas ele tem como se virar e me oferece uma vida digna. Ele é um notável arrombador ao mesmo tempo que um salteador experiente e de visão. Sei direitinho e até poderia dizer o total da sua poupança hoje. Mais alguns empreendimentos bem-sucedidos e a gente vai poder se retirar para uma pequena casa no campo, exatamente como o senhor Shakespeare, quem papai tanto aprecia.

PEACHUM — Bem, tudo isso é muito simples. Você está casada. E o que é que se faz quando se está casado, hein? Não precisa nem pensar. Claro, é só divorcial. Será que é tão difícil chegar a esta conclusão?

Polly - Não estou entendendo o que você quer dizer.

Senhora Peachum — Divórcio.

Polly — Mas se eu o amo, como posso pensar em divórcio?

SENHORA PEACHUM — Me diz uma coisa, você não tem vergonha, não?

Polly — Mamãe, se você alguma vez amou na sua vida...

SENHORA PEACHUM — Amor! Esses malditos livros que você leu acabaram virando sua cabeça! Polly, todo mundo faz isso!

Polly — Então eu vou ser a exceção.

Senhora Peachum — Então eu vou lhe dar uma surra, sua exceção.

POLLY — É, toda mãe faz isso, mas não adianta nada. Porque o amor é sempre maior do que a surra.

Senhora Peachum — Polly, não exagera.

Polly — Não deixo ninguém roubar o meu amor.

SENHORA PEACHUM — Mais uma palavra e você leva um tapa na cara.

Polly — Mas o amor é a coisa mais sublime do mundo.

SENHORA PEACHUM — E aliás, aquele sujeito tem várias mulheres. Se um dia ele for enforcado, é bem possível que

- meia dúzia de mulherzinhas apareçam como viúvas, cada uma delas trazendo provavelmente um fedelho no braço. Oh, Jonathan!
- Peachum Enforcado, de onde você tirou isso? Está aí uma boa idéia. Saia um instante, Polly. Polly sai. Certo. Isto vai dar quarenta libras.
- SENHORA PEACHUM Já entendi. Fazer uma denúncia ao xerife.
- PEACHUM É isso mesmo. Além do mais, ele será enforcado inteiramente grátis... E assim, nós matamos dois coelhos com uma só cajadada. Só que temos que saber onde é que ele se meteu.
- Senhora Peachum Isso eu posso lhe dizer com certeza, meu querido. Ele está lá, metido com suas vagabundas.
- Peachum Mas elas não o entregarão.
- SENHORA PEACHUM Deixa comigo. Onde o ouro fala, tudo cala. Vou agora mesmo a Turnbridge falar com as meninas. Se daqui a duas horas este senhor se encontrar com uma delas, estará frito.
- Polly, que ouviu tudo atrás da porta Querida mamãe, não precisa se dar ao trabalho. A se encontrar com uma dama dessas, Mac preferiria ir pessoalmente ao cárcere de Old Bailey. Mas mesmo que ele fosse a Old Bailey, o xerife lhe ofereceria um drinque e, entre um cigarro e outro, bateria um papo com ele sobre um certo negócio nesta rua, onde nem tudo está como manda o figurino. Pois, querido papai, este xerife se divertiu muito no meu casamento.
- PEACHUM Qual é o nome do xerife?
- Polly Brown. Mas você só o conhecerá como Brown-otigre. Pois todos que têm motivo para temê-lo o chamam de Brown-o-tigre. Mas veja, meu marido o trata por Jackie. Pois para ele é simplesmente seu querido Jackie. São amigos de juventude.

- PEACHUM Ah, é? Então quer dizer que são amigos. O xerife e o bandido-mor devem ser mesmo os únicos amigos nesta cidade.
- Polly, num tom poético Toda vez que juntos eles tomavam um drinque, se acariciavam a face, dizendo: "Se queres mais um trago, eu também quererei". E toda vez que um deles saía, o outro, com os olhos rasos d'água, dizia: "Se tu fores para algum lugar, eu também irei para algum lugar". Não consta absolutamente nada contra Mac na Scotland Yard.
- PEACHUM Pois muito bem. Pretextando casamento, o senhor Macheath, um homem certamente casado mais de uma vez, induziu minha filha Polly a deixar a casa paterna, de terça à noite até a manhã de quinta. Eis o motivo que, antes mesmo de a semana acabar, o levará à forca, que é o que ele merece. "Senhor Macheath, outrora o senhor tinha luvas de pelica brancas, uma bengala com castão de marfim, uma cicatriz no pescoço e freqüentava o Hotel do Polvo. Agora só lhe restou a cicatriz, que, dentre todas as suas marcas, é a de menor valor; e freqüentar, só as gaiolas, para, como é de prever, logo, logo, lugar nenhum..."
- SENHORA PEACHUM Ah, Jonathan, você não vai conseguir; estamos falando de Mac Navalha, conhecido como o bandido-mor de Londres. Com ele ninguém pode.
- PEACHUM Pois quem é Mac Navalha? Se arruma que nós vamos ver o xerife de Londres. E você vai para Turnbridge.
- SENHORA PEACHUM Ver as putas.
- PEACHUM Pois a maldade do mundo é grande e é preciso gastar as solas para que ninguém nos roube os sapatos.
- Polly Quanto a mim, papai, terei muito prazer de apertar novamente a mão do senhor Brown.

Os três se adiantam para o proscênio e cantam sob iluminação para canção. Nos letreiros lê-se:

PRIMEIRO FINAL DE TRÊS VINTÉNS

SOBRE A INSTABILIDADE DAS CIRCUNSTÂN-CIAS DA VIDA HUMANA

Polly — É demais, meu coração? Nesta vida castigada Entregar-se e ser amada, É absurda ambição?

PEACHUM com a Bíblia na mão — Já que a vida é breve, o homem tem direito

De estar feliz, em nosso mundo cão,
Para o prazer da mesa e do leito,
E mastigar, não pedra, mas o pão.
É seu sagrado, primordial direito.
Mas que o tal direito fosse concedido,
Nunca ouviu-se em sérias conversas;
O homem gosta de ser bem-servido,
Porém as circunstâncias são adversas.

SENHORA PEACHUM — Eu gostaria de ser boa E lhe dar o que quiser: Da vida a florida coroa — Acredite: com prazer.

PEACHUM — Ser homem bom! Sim, quem não gostaria?

Doar tudo aos pobres nos seduz.

S e u reino advém com nossa melhoria,

E quem não quer estar na s u a luz?

Ser homem bom! Sim, quem não gostaria?

No entanto, infelizmente, em nossa vida,

Pessoas são sovinas e perversas.

Quem não prefere paz e harmonia?

Porém as circunstâncias são adversas.

POLLY E A SENHORA PEACHUM — Infelizmente, ele tem razão:

O mundo é pobre, o homem, um vilão.

O mundo é pobre, o homem, um vilão.
Quem não pretende um Éden terreal?
Mas e as circunstâncias, afinal?
Elas se negam a corresponder.
E vejam bem: seu mais querido irmão,
Faltando o bife, vira furação
E pisa-lhe bem o rosto, pode crer!
E ser leal, não é maior prazer?
Porém, sua esposa adorada,

PEACHUM — Naturalmente, estou com a razão:

Porém, sua esposa adorada, Sentindo sua chama já cansada, Pisa-lhe bem o rosto, pode crer! E grato, quem será que não quer ser?

Porém, seu próprio filho bem-amado, Quando, no fim, o vir desamparado, Pisa-lhe bem o rosto, pode crer!

Pisa-lhe bem o rosto, pode crer! E ser humano, quem não pretende ser?

Polly e a senhora Peachum — Eis a eterna mesmice, Isso é uma chatice.

O mundo é pobre, o homem, um vilão. Infelizmente, ele tem razão.

Peachum — Naturalmente, estou com a razão:
O mundo é pobre, o homem, um vilão.
Não fossem as pessoas tão perversas
E nossas circunstâncias, adversas.

Os Três — Basta que se confira: O mundo é uma mentira!

Peachum — O mundo é pobre, o homem, um vilão. Infelizmente, estou com a razão.

Os TRÊS — Eis a eterna mesmice, Isso é uma chatice. Basta que se confira: O mundo é uma mentira!

SEGUNDO ATO

4

TARDE DE QUINTA-FEIRA; MAC NAVALHA SE DESPEDE DE SUA MULHER A FIM DE, FUGINDO DE SEU SOGRO, IR PARA O PÂNTANO DE HIGHGATE

A estrebaria.

Polly entrando — Mac! Mac, não se assuste.

MAC deitado na cama — Ora, o que foi, que cara é essa, Polly?

Polly — Estive com Brown, e meu pai também, e eles combinaram de pegar você; papai fez ameaças terríveis e Brown ficou do seu lado, mas aí ele voltou atrás, e agora ele também acha, Mac, que você deveria sumir por uns tempos. Arrume logo suas coisas.

MAC — Ora, bobagem, arrumar nada. Vem cá, Polly. O que eu quero fazer com você agora é outra coisa, não as malas.

POLLY — Não, agora não pode ser. Estou tão assustada. O tempo todo só falaram de forca.

MAC — Não gosto de ver você agitada, Polly. Não consta absolutamente nada contra mim na Scotland Yard.

POLLY — É, ontem talvez não, mas, hoje, de repente, consta muitíssimo. O problema é que você... tenho aqui a relação das acusações; nem sei se consigo me lembrar de tudo, é uma lista que não acaba mais... você matou dois comerciantes, fez mais de trinta arrombamentos, vinte e três assaltos, incêndios, falsificações, homicídios premeditados, falsos testemunhos, e tudo isso em um ano e meio. Você é um homem terrível. E ainda seduziu duas irmãs menores em Winchester.

MAC — A mim, elas disseram que tinham mais de vinte anos. O que é que o Brown falou? Levanta-se lentamente e caminha, assobiando, para a direita. Polly — Ele ainda me pegou no corredor e me disse que agora ele não poderia fazer mais nada por você. Oh, Mac!

Lança-se ao pescoço dele.

MAC — Tudo bem, já que eu tenho que partir, você deve assumir a direção do negócio.

POLLY — Nada de negócios agora, Mac, não posso nem ouvir falar nisso. Beija a sua pobre Polly mais uma vez e jura que você nunca, nunca...

Mac a interrompe bruscamente e a conduz para a mesa, plantando-a numa cadeira.

Mac — Eis os livros de contabilidade. Presta bastante atenção. Esta é a relação do pessoal. Lê: Bem, aqui temos Jakob-dedo-de-gancho, um ano e meio de serviço; vejamos o que ele conseguiu. Um, dois, três, quatro, cinco relógios de ouro, não é muito, mas foi um trabalho limpo. Não sente no meu colo, não estou a fim agora. Aqui temos Walter-salgueiro-chorão, um tipo pouco confiável. Faz transações por conta própria. Alivia por três semanas, e depois rua. Entrega ele simplesmente para o Brown.

Polly chorando — Entrego ele simplesmente para o Brown.

MAC — Jimmy II, um sujeito descarado, lucrativo mas descarado. Leva até as calcinhas das senhoras da alta sociedade. Dê-lhe um adiantamento.

Polly — Dou-lhe um adiantamento.

Mac — Robert-serrote, um cara mesquinho, sem o menor talento, não morre enforcado, mas também não deixa nada.

Polly — Também não deixa nada.

MAC — De resto, você faz exatamente como até agora, levanta às sete, se lava, toma um banho etc.

Polly — Você tem toda razão, tenho que trabalhar duro e cuidar dos negócios. O que é seu, agora também é meu,

não é mesmo, Mac? E seus quartos? Não seria melhor me desfazer deles? Tenho a maior pena de jogar o dinheiro fora com o aluguel.

Mac — Não, preciso deles ainda.

POLLY — Mas para quê? Só vai consumir o nosso dinheiro!

MAC — Tenho a impressão de que você acha que não voltarei nunca mais.

Polly — Como assim? Você sempre pode voltar a alugar! 6 Mac... Mac, eu não agüento mais. Fico sempre olhando para a sua boca e aí não escuto o que você diz. Você também me será fiel, Mac?

Mac — Claro que eu serei fiel; amor com amor se paga. Ou será que você acha que eu não te amo? O problema é que eu vejo mais longe que você.

Polly — Eu lhe sou tão grata, Mac. Você aqui se preocupando comigo, enquanto os outros te perseguem como cães de caça...

Ao ouvir a expressão "cães de caça", Mac fica paralisado, levanta, vai para a direita, tira o paletó, lava as mãos.

Mac apressado — Você vai continuar mandando o lucro para o banco Jack Poole, em Manchester. Aqui entre nós: é só uma questão de semanas e eu me transfiro para o ramo bancário. É mais seguro e também mais lucrativo. No máximo em duas semanas, o dinheiro tem que ser retirado deste negócio, aí você vai ao Brown e entrega a lista à polícia. No máximo em quatro semanas, toda essa ralé terá desaparecido no xadrez de Old Bailey.

Polly — Ora, Mac! Como é que você ainda pode olhar para eles depois de tê-los riscado do seu livro, levando-os pra-

6. É absolutamente desejável que o espectador sinta a senhorita Polly Peachum como uma jovem virtuosa e agradável. Assim como na segunda cena ela provou que seu amor é isento de qualquer cálculo, agora ela mostra aquela disposição prática, sem a qual este amor seria mera leviandade.

ticamente à forca? Como é que, depois de tudo isso, você ainda consegue apertar a mão deles?

MAC — De quem? Robert-serrote, Matthias-moeda, Jakob-dedo-de-gancho? Esses patifes?

Entra o bando.

MAC — Meus senhores, como me alegro em vê-los.

Polly - Boa tarde, meus senhores.

MATTHIAS — Capitão, consegui finalmente o programa das festividades da coroação. Eu diria que temos dias de muito trabalho pela frente. Daqui a meia hora, chega o arcebispo de Canterbury.

MAC — A que horas?

MATTHIAS — Às cinco e meia. Temos que partir já, Capitão.

MAC — É verdade, vocês têm que partir já.

ROBERT — O que significa este "vocês"?

MAC — Bem, é que, infelizmente, sou obrigado a fazer uma pequena viagem.

Robert — Deus do céu, estão querendo prendê-lo?

Matthias — E isso justamente às vésperas da coroação! Sem o senhor, a coroação será como pão sem manteiga.

MAC — Cala essa boca! Nestas circunstâncias passo, por pouco tempo, a direção do negócio a minha esposa. Polly! Empurra-a para frente e vai para o fundo, observando-a de lá.

Polly — Rapazes, penso que nosso Capitão pode partir tranquilamente. Nós daremos conta do recado. Serviço de primeira, hein, rapazes?

MATTHIAS — Bem, eu aqui não apito nada. Mas não sei se justamente uma mulher, numa época como essa... Não é nada contra a senhora, madame.

MAC, do fundo — O que é que você diz disso, Polly?

Polly — Seu canalha, estamos começando bem, hein? Grita: Claro que não é nada contra mim! Porque se fosse, estes senhores aqui já teriam tirado as tuas calças e te dado uma boa sova, não é mesmo, meus senhores?

Pequena pausa, depois todos aplaudem freneticamente:

JAKOB — Olha que isso não deixa de ser verdade; pode acreditar nela.

Walter — Bravo, a senhora capitã sabe como falar! Viva Polly!

Todos — Viva Polly!

MAC — O chato em tudo isso é que eu não poderei estar aqui para a coroação. Isso é que é um puta negócio. De dia, todos os apartamentos vazios e de noite, a grã-finada toda bêbada. Aliás, Matthias, você bebe demais. Na semana passada, você insinuou novamente que foi você que incendiou o hospital infantil de Greenwich. Se uma coisa dessas tornar a acontecer, você está despedido. Então? Quem foi que incendiou o hospital infantil?

Matthias — Claro que fui eu.

MAC para os outros — Quem foi que o incendiou?

Os outros — O senhor, Capitão Macheath.

MAC — Quem foi mesmo?

MATTHIAS, rabugento — O senhor, Capitão Macheath. Desse jeito, pessoas como a gente nunca subirão na vida.

MAC, com um gesto, sugere o enforcamento — Você subirá mesmo se achar que pode me fazer concorrência. Onde já se viu um professor de Oxford deixar qualquer um de seus assistentes assinar seus erros científicos? Ele mesmo assina.

ROBERT — Distinta senhora, disponha de nós enquanto o senhor seu esposo estiver viajando; toda quinta-feira, prestação de contas, distinta senhora.

Polly — Toda quinta-feira, rapazes.

Sai o bando.

MAC — E agora, adeus, meu coração; cuide-se e não se esqueça de se maquiar todo dia, exatamente como se eu estivesse aqui. Isto é muito importante, Polly.

Polly — E você, Mac, prometa-me não olhar mais para nenhuma mulher e partir logo. Pode acreditar que a sua pequena Polly não está falando por ciúme, mas porque isto é muito importante, Mac.

MAC — Ora, Polly, por que é que eu haveria de me interessar por esses baldes furados? Eu só amo você. Assim que a noite descer, pegarei meu alazão em qualquer estrebaria, e antes que, da sua janela, você possa ver a lua, eu já estarei além do pântano de Highgate.

Polly — Ah, Mac, não parta meu coração. Fique comigo e sejamos felizes.

Mac — Mas eu mesmo tenho que partir meu coração, pois preciso ir embora e ninguém sabe quando voltarei.

Polly — Durou tão pouco, Mac.

MAC — Por acaso acabou?

Polly — Oh, ontem tive um sonho. Nele, eu olhava pela janela e ouvia uma gargalhada na rua e, quando enxerguei melhor, vi a nossa lua, e a lua estava tão fina quanto um vintém bastante gasto. Onde você estiver, Mac, não se esqueça de mim.

MAC — Claro que eu não te esquecerei, Polly. Me dá um beijo, Polly.

Polly - Adeus, Mac.

MAC — Adeus, Polly. Saindo:
O amor dura ou chega ao fim,
Neste ou noutro lugar.

Polly sozinha — E ele não mais voltará. Canta:
Tudo era belo, então,
Mas agora só resta a dor.
Arranca seu coração,
Diga adeus, meu amor!
Não adianta o lamento!

Virgem do céu, ouve esta prece! Ah, se minha mãe soubesse O que comigo acontece!

Os sinos começam a repicar.

Polly — Agora, Londres recebe a rainha em procissão, Onde estaremos no dia da coroação!

INTERMEZZO

A senhora Peachum e Jenny-Espelunca aparecem diante da cortina.

SENHORA PEACHUM — Então, se vocês virem Mac Navalha nos próximos dias, corram ao policial mais próximo para denunciá-lo; vocês receberão dez xelins por isso.

JENNY — Mas como nós o veremos, se a polícia já está atrás dele? Quando a caçada começar, ele não vai perder seu tempo conosco.

SENHORA PEACHUM — Vou te dizer uma coisa, Jenny: mesmo com toda Londres atrás dele, Macheath não é homem de abrir mão de seus hábitos. *Ela canta*:

BALADA DA SERVIDÃO SEXUAL

1

Aquele é um sem-vergonha excomungado, Que vê nos outros miserável gado. Um cão danado, um sedutor vadio, Quem vence o espertalhão? O mulherio! Queira ou não, ergue-se o animal: É esta a servidão sexual.

A Bíblia não é sua leitura, Um egoísta, eis a verdade pura! Só sabe rir de todos e de tudo, Ao canto da sereia é surdo-mudo. Porém à noite vai mudando o ar: Seu esporte favorito é trepar.

2

Assim termina, geralmente, a luta: Quem vence o herói é sempre a puta! E os pretensos seres elevados Pelas piranhas foram sepultados. Queira ou não, ergue-se o animal: É esta a servidão sexual.

Um prende-se ao Código Civil; o outro, à Bíblia Sagrada,
Um torna-se cristão; o outro, anarquista:
De dia come apenas as torradas com salada,
À tardinha, suas idéias reconquista,
Porém à noite vai mudando o ar:
Seu esporte favorito é trepar.

5

OS SINOS DA COROAÇÃO AINDA NÃO HAVIAM ACABADO DE SOAR E MAC NAVALHA JÁ SE ENCONTRAVA ENTRE AS PUTAS DE TURNBRIDGE. AS PUTAS O TRAEM. ANOITECER DE QUINTA-FEIRA

Puteiro em Turnbridge.

Uma tarde comum; as putas, a maioria delas em trajes íntimos, passam roupa, jogam damas, se lavam: um idílio burguês. Jakob-dedo-de-gancho está lendo o jornal sem que ninguém lhe dê atenção. Dá a impressão de atravancar a passagem.

7. Essas damas detêm a posse tranquila de seus meios de produção. Justamente por isso elas não devem transmitir a impressão de que são livres. A elas, a democracia não oferece aquela liberdade que proporciona a todos cujos meios de produção podem ser tomados.

JAKOB — Hoje ele não vem.

Puta — Será?

JAKOB — Eu acho que ele não vem nunca mais.

Puta — Seria uma pena.

Jakob — Será? Se eu o conheço bem, ele já está fora da cidade. Desta vez é dar no pé mesmo. Macheath entra, pendura o chapéu num prego e senta no sofá atrás da mesa.

MAC — Meu café!

Encrenqueira repete num tom admirativo — "Meu café!"

JAKOB horrorizado — Como? Você não está em Highgate?

MAC — Hoje é a minha quinta-feira. Não vou renunciar a meus hábitos por causa dessas ninharias. Joga no chão o libelo de acusação. Além do mais, está chovendo.

Jenny lê o libelo — Em nome do Rei, acusamos o Capitão Macheath por três...

JAKOB arranca-o das mãos dela — Eu também apareço aí? MAC — Claro, o pessoal todo.

JENNY à outra puta — Olha só as acusações. Pausa. Mac, deixa eu ver a tua mão.

Ele estende a mão.

Dolly — Isso, Jenny, lê a mão dele, você entende do riscado. Segura um lampião.

MAC — Alguma herança?

JENNY — Não, nada de herança!

BETTY — Por que essa cara, Jenny? Chega a dar um frio na espinha.

Mac — Alguma longa viagem para breve?

Jenny — Não, nenhuma longa viagem.

ENCRENQUEIRA — O que é que você está vendo então?

Mac — Por favor, só coisa boa, nada de ruim!

JENNY — Ah, esquece! Estou vendo uma escuridão apertada e pouca luz. E também estou vendo um grande A, A de astúcia de uma mulher. Também estou vendo...

MAC — Chega! Agora, por exemplo, eu quero é saber detalhes sobre a escuridão apertada e a astúcia e, por exemplo, o nome da mulher astuta.

JENNY — Só estou vendo que ele começa com J.

Mac — Então está errado. Ele começa com P.

Jenny — Mac, quando os sinos da coroação em Westminster começarem a repicar, você viverá tempos difíceis!

Mac — Continua! Jakob dá uma gargalhada. O que foi, hein? Corre até Jakob e começa a ler também. Mentira, eram só três.

JAKOB ri — Eu sei!

MAC — Bonitinha essa roupa.

Puta — Do berço ao túmulo, o importante é a roupa.

Puta velha — Eu nunca uso seda. Os fregueses pensam logo que a gente está doente.

Jenny se esgueira de fininho pela porta.

SEGUNDA PUTA a Jenny — Aonde você vai, Jenny?

JENNY — Vocês verão. Sai.

Molly — Mas o linho caseiro também não agrada.

PUTA VELHA — Eu dou muita sorte com linho caseiro.

Encrenqueira — Claro, aí os homens se sentem logo em casa.

MAC a Betty — Você continua usando os galões negros?

BETTY — Continuo, sim.

MAC — E que roupa você usa por baixo?

SEGUNDA PUTA — Ah, chego a ficar envergonhada. Não posso levar ninguém no meu quarto, é que a minha tia é

doida por homem, e nas entradas das casas... vocês sabem, né?, simplesmente não uso nenhuma roupa por baixo. Jakob ri.

Mac — Acabou?

JAKOB - Não, agora é que cheguei nos estupros.

MAC, de novo ao lado do sofá — Mas onde é que está Jenny? Caras damas, muito antes de a minha estrela brilhar sobre esta cidade...

ENCRENQUEIRA — "Muito antes de a minha estrela brilhar sobre esta cidade..."

MAC — . . . eu vivi nas condições mais precárias com uma das senhoras, caras damas. E mesmo sendo hoje Mac Navalha, jamais esquecerei, em meio à felicidade, os companheiros dos dias sombrios, sobretudo Jenny, que, entre todas as meninas, me era a mais cara. Prestem atenção!

Enquanto Mac canta, Jenny, em pé do lado direito da janela, faz sinais para o policial Smith. A senhora Peachum vem juntar-se a ela. Debaixo do poste, os três observam a casa.

BALADA DO CAFETÃO

1

MAC — Bom tempo aquele que não volta mais.
Como casal, vivíamos sem briga,
No esforço para o mesmo ideal:
Eu da cabeça, ela da barriga.
Pode ser diferente, e pode ser tal qual.
Quando chegava outro cavalheiro,
Eu lhe cedia a cama prazenteiro
E, vendo a grana, ria: Meu senhor,
A casa é sempre sua, por favor!

Foi num bordel de fina freguesia, Onde fixamos nossa moradia.

2

JENNY — Bom tempo aquele que não volta mais.

Trepávamos sem conta e sem noção,
E ele, gastando o nosso capital,
Botava as minhas roupas no leilão.
Pode ser diferente, e pode ser tal qual.
Fiquei de birra, por achar-me nua,
E perguntei: Rapaz, qual é a tua?
Sua resposta foi uma porrada
Que me deixou, por dias, acamada.
Foi num bordel de fina freguesia,
Onde fixamos nossa moradia.

3

Ambos juntos e alternando — Bom tempo aquele que não volta mais.8

MAC — A nossa vida era iluminada:

JENNY — Trepávamos de dia, afinal

MAC — À noite, ela estava ocupada.

(Pode ser diferente, e pode ser tal qual.)

8. Os atores que fazem o Macheath, e que na representação da agonia não dão mostras de inibição, negam-se geralmente a cantar esta terceira estrofe: evidentemente eles não recusariam uma formulação trágica do fenômeno sexual. Mas em nossa época o sexual pertence indubitavelmente ao âmbito do cômico, pois a vida sexual está em contradição com a vida social, e esta contradição é cômica porque é histórica, isto é, pode ser resolvida através de uma outra ordem social. Portanto o ator tem de levar tal balada num tom cômico. A apresentação da vida sexual no palco é muito importante, mesmo porque aí aparece um materialismo instintivo. O artificial e o transitório de todas as superestruturas sociais tornam-se visíveis.

JENNY — Peguei um filho deste valentão.

Mac — Mas com prazer eu lhe servia de colchão

JENNY — Para não esmagar no ventre a criancinha

MAC — E que se foi pro brejo ainda bem novinha. Foi num bordel de fina freguesia,

Onde fixamos nossa moradia.

Dança. Mac pega a bengala, ela lhe dá o chapéu e, enquanto ele dança, Smith pousa a mão no seu ombro.

Smith — Tudo bem. Por aqui, por favor.

MAC — Então, essa espelunca continua só com uma saída?

Smith quer algemar Macheath, mas Mac dá-lhe um soco no peito; enquanto Smith cambaleia, Mac salta pela janela. Do lado de fora encontram-se a senhora Peachum e policiais.

Mac sereno, com muita cortesia — Boa noite, distinta senhora.

SENHORA PEACHUM — Meu caro senhor Macheath. Meu marido costuma dizer que os maiores heróis da história universal caíram por causa deste pequeno deslize.

MAC — Se me permite a pergunta: como está seu esposo?

SENHORA PEACHUM — Melhor. Infelizmente, o senhor terá que se despedir agora dessas encantadoras damas. Policial, aqui por favor, conduza este senhor ao seu novo lar. Levam-no preso. A senhora Peachum falando pela janela: Minhas senhoras, se quiserem visitá-lo, o encontrarão sempre em casa, pois aquele senhor, de agora em diante, morará em Old Bailey. Bem que eu sabia que ele estaria vadiando com suas putas. A conta fica comigo. Passar bem, minhas senhoras. Sai.

JENNY — Olha só o que aconteceu, Jakob.

JAKOB, que, absorvido na leitura, não percebeu nada — Cadê o Mac?

JENNY — Os policiais estiveram aqui.

JAKOB — Porra, e eu aqui lendo, lendo, lendo... Deus do céu! Sai.

6

TRAÍDO PELAS PUTAS, MACHEATH É TIRADO DA CADEIA PELO AMOR DE UMA OUTRA MULHER

Prisão em Old Bailey, uma cela.

Entra Brown.

Brown — Tomara que meu pessoal não consiga agarrá-lo! Meu Deus, quem dera que ele já estivesse além do pântano de Highgate, pensando no seu Jackie. Mas ele é tão descuidado, como todos os grandes homens. Se o trouxessem agora, preso, e ele me olhasse com aqueles olhos de cão fiel, aí eu não agüentaria. Graças a Deus que é noite de lua. Se ele agora estiver cavalgando sobre o pântano, pelo menos não se perderá. Ruído no fundo. Que é isso? Oh, meu Deus, estão trazendo ele.

MAC, amarrado com cordas grossas e escoltado por seis policiais, entra com altivez — Bem, seus bundas-moles, graças a Deus retornamos agora a nossa velha mansão. Percebe Brown, que se refugia no canto extremo da cela.

Brown, depois de uma longa pausa, sob o terrível olhar do seu antigo amigo — Ah, Mac, não fui eu... fiz tudo o que... não me olhe assim, Mac... não agüento... Esse teu silêncio também me apavora. Grita para um policial: Ei, seu porco, precisa arrastá-lo ainda com essa corda?... Diz alguma coisa, Mac. Diz alguma coisa para o seu pobre Jackie... Uma palavra só para... Recosta a cabeça na parede e chora. Ele não me acha digno sequer de uma palavra. Sai.

Mac — Asqueroso, esse Brown. A má consciência em pessoa. Quem diria que um cara assim é o supremo chefe de polícia! Foi bom não ter gritado com ele. Até cheguei a pensar nisso. Mas aí, na hora H, achei que um olhar profundo e punidor o abalaria muito mais. Bateu em cheio. Foi só olhar e ele se desmanchou em lágrimas. Esse truque, eu tirei da Bíblia.

Smith entra com as algemas.

MAC — Como é, seu guarda? Então são estas as mais pesadas que vocês têm? Com todo respeito, eu pediria um par mais confortável. Saca seu talão de cheques.

SMITH — Bem, senhor Capitão, aqui nós temos para todos os preços. Só depende de quanto o senhor pensa gastar. De um a dez guinéus.

MAC — E nenhuma? Quanto custa?

Smith — Cinquenta.

Mac preenche um cheque — Mas o pior é que todo mundo vai ficar sabendo dessa história com a Lucy. Se contarem para o Brown que, por trás de suas costas amigáveis, andei aprontando com a filha dele, aí sim é que ele vira um tigre.

SMITH — É, quem faz sua cama, nela se deita.

MAC — Com certeza, aquela vagabunda já está esperando lá fora. Que belos dias até a execução!

Julgai, senhores, isso lá é vida?

Não acho graça onde não a tem.

Já cedo aprendi a lição devida:

Só na fartura é que se vive bem.

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

BALADA DA BOA VIDA 9

1

Louvam a vida de uns ilustres seres, Cuja barriga sempre está vazia, Que moram em choupana pobre e fria. Poupem-me, por favor, destes prazeres! A vida assim, deixo pra quem quiser. Eu não comungo desta fantasia: Nenhuma ave disso viveria Um dia só, vocês me podem crer! E a liberdade — servirá a quem? Só na fartura é que se vive bem.

2

Aventureiros de arrojado porte, Conscientes da centelha que os invade, Ansiosos, correm a dizer verdade Pra que os burgueses leiam algo forte. No inverno, batem dentes com a esposa, Deitados numa cama fria e dura, Prevendo na evolução futura, O ano 5000 em nada rosa. Eu que pergunto: isto é bom pra quem? Só na fartura é que se vive bem.

- 9. Essa balada, como também outras da Ópera de três vinténs, contém algumas linhas de François Villon, na tradução de K. L. Ammer. Vale a pena o ator folhear a tradução de Ammer para que ele veja a diferença entre uma balada para ser cantada e uma balada para ser lida."
- São elas: A balada do cafetão, A balada da boa vida, A canção de Salomão, A balada na qual Macheath pede desculpas a todos e o Clamor da tumba. A canção de Polly, Tudo era belo então, tem como modelo quatro linhas de um poema de Kipling. (Nota de Elisabeth Hauptmann.)

Seria nobre minha existência,
Se eu tivesse tais conceitos antes;
Olhei de perto seres semelhantes
E vi: não são da minha preferência.
Pobreza é sábia, mas também ingrata,
Coragem, fama — valem uma figa!
É insensato quem para elas liga.
Melhor é ter o sangue de barata.
Felicidade é para quem tem,
Só na fartura é que se vive bem!

Entra Lucy.

- Lucy Seu patife ordinário, como é que você ainda tem coragem de olhar para mim depois de tudo o que houve entre nós?
- MAC Lucy, então você não tem coração? Vendo o teu homem numa situação dessas.
- Lucy Meu homem? Seu monstro! Você acha então que eu não sei nada dessa história com a senhorita Peachum! Eu devia era arrancar seus olhos!
- MAC Honestamente, Lucy, será possível que você seja tão insensata a ponto de ter ciúmes de Polly?
- Lucy E você não está casado com ela, seu animal?
- MAC Casado! Esta é boa! Eu frequento a casa. Falo com ela. Às vezes até lhe dou uma espécie de beijinho, e agora essa cretina anda espalhando por aí que está casada comigo. Minha querida Lucy, estou disposto a tudo para que você fique tranquila, e se você acha que isso só depende de um casamento comigo tudo bem. O que mais um cavalheiro poderia dizer? Não pode dizer mais nada!
- Lucy Oh, Mac, eu queria apenas ser uma mulher decente.

- MAC Se você acha que só conseguirá isso casando-se comigo tudo bem. O que mais um cavalheiro poderia dizer? Não pode dizer mais nada! Entra Polly.
- POLLY Onde está meu marido? Oh, Mac, até que enfim. Não vire o rosto, você não precisa sentir vergonha de mim. Afinal, sou tua esposa.
- Lucy Ah, seu patife ordinário.
- Polly Oh, Mackie na cadeia. Por que você não fugiu pelo pântano de Highgate? Você me disse que não visitaria mais aquelas mulheres. Eu sabia o que elas iam te aprontar, mas não te disse nada porque acreditei em você. Mac, eu continuo do seu lado, até a morte. Nenhuma palavra, Mac? Nenhum olhar? Oh, Mac, pensa bem como a tua Polly sofre vendo você assim.
- Lucy Ah, mas que vagabunda.
- POLLY O que é isso, Mac? Quem é essa mulher? Ao menos diga a ela quem eu sou. Por favor, diga a ela que eu sou tua esposa. Não sou tua esposa? Olha para mim, não sou mesmo tua esposa?
- Lucy Seu velhaco traidor, então você tem duas mulheres, seu desgraçado?
- POLLY Diga, Mac, eu não sou tua esposa? Não fiz tudo por você? Subi pura ao altar, você sabe disso. E você também me passou a chefia do bando e eu fiz tudinho como combinamos, e o Jakob até me pediu que...
- MAC Se vocês duas pudessem calar o bico por apenas dois minutos, tudo se esclareceria.
- Lucy Não vou calar bico nenhum. Não agüento mais. Quem tem sangue nas veias, não pode agüentar uma coisa dessas.
- Polly Ora, minha filha, é evidente que a esposa...
- Lucy A esposa!!
- POLLY ...a esposa, naturalmente, tem uma certa precedência. Sinto muito, minha filha, pelo menos em público. Qualquer um acaba maluco com tanta confusão.

Lucy — Confusão! Esta é boa! É isso o que você foi arranjar? Essa titiquinha? Grande conquista, a sua! Então é ela a tua beldade do Soho?

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

DUETO DO CIÚME

1

Lucy — Venha cá, oh bela do Soho!

Quero ver suas pernas formosas!

Eu adoro ver coisas tão finas,

Que não acho em outras meninas!

Dizem que por você meu Mac perde a cabeça!

POLLY — Dizem mesmo? Dizem mesmo?

Lucy — Isso é mesmo muito engraçado!

POLLY — É mesmo? É mesmo?

Lucy — Era só o que me faltava.

Polly — Era só o que te faltava?

Lucy — Que Mac te desse uma cantada.

POLLY — Que Mac me desse uma cantada?

Lucy — Há, há, há, ninguém te liga, Seu bagulho de uma figa!

Polly — Espere só e verá.

Lucy — Espere só e verá.

Ambas — Mackie e eu vivemos quais pombinhos,

Ninguém vai me roubar os seus carinhos.

Não acredito nessa,

Que ele perca a cabeça

Por um bagulho desses!

É ridículo!

2

POLLY — Sim, sou a bela do Soho,

Dizem que tenho pernas formosas!

Lucy — Serão estas?

POLLY — Uns adoram ver coisas tão finas

Que não acham nas outras meninas!

Lucy — Sua merda!

Polly — Merda é você!

Sim, por mim meu homem já perdeu a cabeça!

Lucy — Já perdeu? Já perdeu?

POLLY — Isso é mesmo muito engraçado!

Lucy — É mesmo? É mesmo?

POLLY — Era só o que me faltava.

Lucy — Era só o que te faltava?

Polly — Que ele não me ligasse.

Lucy — Que ele não te ligasse?

Polly ao público — Vocês acham que ninguém me liga:

Eu, bagulho de uma figa?

Lucy — Espere só e verá.

Polly — Espere só e verá.

Ambas — Mackie e eu vivemos quais pombinhos,

Ninguém vai me roubar os seus carinhos.

Não acredito nessa,

Que ele perca a cabeça

Por um bagulho desses!

É ridículo!

MAC — Tudo bem, querida Lucy, fique tranquila, ouviu? Isso não passa de um truque da Polly. O que ela quer é nos ver separados. Eu vou ser enforcado e ela adoraria desfilar por aí como minha viúva. Realmente, Polly, este não é o momento adequado.

- Polly Como? Você tem coragem de me renegar?
- Mac E você tem coragem de continuar me azucrinando com este papo de que estou casado? Por que piorar a minha desgraça, Polly? Abana a cabeça recriminando. Polly! Polly!
- Lucy Realmente, senhorita Peachum, a senhora assim só se expõe. Além do mais, é uma monstruosidade da sua parte aborrecer tanto um cavalheiro numa situação dessas!
- Polly A mais simples norma de boa educação, que, a meu ver, a prezada senhorita deveria aprender, diz que, na presença de sua esposa, um homem deve ser tratado com um pouco mais de discrição.
- MAC Honestamente, Polly, você está indo longe demais.
- Lucy E se a prezada dama pretende criar caso aqui na prisão, serei obrigada a chamar o guarda para que ele lhe mostre onde fica a porta. Sinto muito, distinta senhorita.
- Polly Senhora! Senhora! Permita-me dizer-lhe mais uma coisa: esses ares que a prezada senhorita se dá caem-lhe muito mal. É o meu dever estar ao lado do meu esposo.
- Lucy O que é isso? Que é que você está dizendo? Ah, ela não quer ir embora! Ela fica aí, nós a expulsamos e ela não se manda. Será que devo falar mais claro?
- Polly Sua... ou você fecha agora essa latrina, seu trapo, ou lhe encho a cara de sopapo, prezada senhorita!
- Lucy Fora daqui, sua lambisgóia! Com você tem que ser mesmo no grito, já que com delicadeza não dá.
- Polly Estou vendo a tua delicadeza! Olha, a minha dignidade não me permite. Não vou me rebaixar até você... de jeito nenhum. Ela chora.
- Lucy Olha aqui para a minha barriga, sua vagabunda! Pensa que foi o Espírito Santo? Você ainda não sacou?

- Polly Então é isso! Você está prenha! E ainda se gaba disso? Não deixasse ele montar, sua moça fina.
- MAC Polly!
- Polly chorando Realmente é demais. Mac, isto não podia ter acontecido. Já não sei mais o que fazer.

Entra a senhora Peachum.

- SENHORA PEACHUM Eu sabia que ela estava com o seu patife. Passa já para cá, sua vagabunda. Quando teu patife for enforcado, você pode se enforcar junto. Olha o que você faz sua venerável mãe passar, tendo que tirá-la da prisão. E ele tem logo duas consigo este Nero!
- Polly Me deixa, mamãe, por favor. Você não sabe...
- SENHORA PEACHUM Já para casa.
- Lucy Está vendo? Sua mamãe tem que lhe dizer como se comportar.
- Senhora Peachum Rápido!
- POLLY Já vou. Só preciso ainda... Preciso ainda dizer-lhe mais uma coisa... Realmente... Sabe, é muito importante.
- SENHORA PEACHUM dá-lhe um bofete Pronto, isto também é importante. Rápido!
- POLLY Oh, Mac! É arrastada para fora.
- MAC Lucy, você esteve maravilhosa. Bem, claro que fiquei com pena dela; foi por isso que não tratei a vadia como ela merece. Você bem que chegou a pensar que era verdade o que ela dizia. Não estou certo?
- Lucy É, pensei mesmo, amorzão.
- MAC Ora, se fosse verdade, nunca que a mãe dela teria me colocado nesta enrascada. Você ouviu como ela baixou o pau em mim? Só um sedutor seria tratado assim por uma mãe; um genro, jamais.
- Lucy Você não sabe como eu fico feliz de ouvir você falar assim, do fundo do seu coração. Eu te amo tanto,

tanto, que quase te preferia ver na forca do que nos braços de outra. Isto não é engraçado?

Mac — Lucy, minha vida está nas suas mãos.

Lucy — É maravilhoso ouvir você dizer isso. Diz outra vez.

MAC — Lucy, minha vida está nas suas mãos.

Lucy — Deixa eu fugir com você, meu amor?

Mac — Bem, você sabe, se fugirmos juntos vai ser muito difícil a gente se esconder. Assim que eles pararem com a caçada, mandarei buscar você, o mais rápido possível, pode crer.

Lucy — O que posso fazer para te ajudar?

Mac — Traz o chapéu e a bengala!

Lucy volta com o chapéu e a bengala e os joga para dentro da cela.

MAC — Lucy, o fruto de nosso amor que geras sob o teu coração nos unirá por toda a eternidade.

Lucy sai.

SMITH aparece, entra na cela e diz a Mac — Faça o favor de passar a bengala para cá.

Smith persegue Mac com uma cadeira e uma barra de ferro. Esta caçada dura algum tempo até que Mac consegue saltar sobre as grades. Os policiais saem correndo atrás dele. Brown atrás da cena.

Brown (voz) — Olá, Mac! — Mac, por favor, responda, sou eu, Jackie. Mac, por favor, não faz assim, responda, não agüento mais. Entra. Mackie! Mas o que é isto? Ele se foi! Graças a Deus. Senta-se no catre.

Entra Peachum.

PEACHUM a Smith — Meu nome é Peachum. Vim pegar as quarenta libras prometidas em troca da prisão do bandido Macheath. Vai até a cela. Ei! Senhor Macheath?

Brown cala. Ah, é assim! Então, o outro cavalheiro foi dar uma voltinha? Ora, a gente aparece aqui para visitar um criminoso e quem está sentado aí: o senhor Brown! Brown-o-tigre está sentado aí, e seu amigo Macheath não está sentado aí.

Brown 'queixando-se — Oh, senhor Peachum, não é minha culpa.

PEACHUM — Claro que não, de jeito nenhum, jamais o senhor mesmo iria... caso contrário, o senhor se poria numa tal situação... impossível, Brown.

Brown — Senhor Peachum, eu não sei mais o que fazer.

PEACHUM — Acredito. O senhor tem mesmo que estar se sentindo péssimo.

Brown — É, este sentimento de impotência é que paralisa a gente. Esses caras fazem mesmo o que querem. É horrível, horrível.

PEACHUM — O senhor não quer se deitar um pouco? É só fechar os olhos e fazer como se nada tivesse acontecido. Imagine que está num belo prado verde com nuvenzinhas no céu, e o mais importante, que o senhor tira da cabeça essas coisas horríveis. As que já passaram e, principalmente, as que ainda virão.

Brown intranquilo — O que é que o senhor quer dizer com isso?

Peachum — O senhor está reagindo maravilhosamente. Eu, na sua situação, eu desmoronaria, iria para a cama e tomaria chá quente. E, sobretudo, cuidaria que alguém me passasse alguma mão na cabeça.

Brown — Com os diabos, eu não tenho culpa se o cara fugiu. Neste caso, a polícia não pode fazer nada.

Peachum — Como neste caso a polícia não pode fazer nada? O senhor acha então que não veremos mais o senhor Macheath aqui? Brown dá de ombros. Neste caso o senhor será vítima de uma horrível injustiça. Claro que agora as pessoas vão dizer que a polícia não deveria tê-lo

deixado escapar. É, eu ainda não vejo o brilhante cortejo da coroação.

Brown — O que quer dizer com isso?

Peachum — Permita-me lembrar-lhe um incidente histórico que, embora na sua época, isto é, no ano 1400 antes de Cristo, tenha causado grande sensação, hoje em dia o grande público desconhece. Quando o faraó egípcio Ramsés II morreu, o chefe de polícia de Nínive, quer dizer, do Cairo, cometeu umas pequenas arbitrariedades contra as camadas mais baixas da população. Já naquela época, as consequências foram terríveis. De acordo com os manuais de história, o cortejo da coroação da sucessora ao trono, Semíramis, acabou se transformando numa "sequência de catástrofes por causa da participação um tanto animada das camadas mais baixas da população". Os historiadores falam com horror da maneira terrível como Semíramis tratou seu chefe de polícia. Eu não me lembro dos detalhes, mas mencionaram-se as cobras que ela o fez amamentar.

Brown - É mesmo?

PEACHUM — O Senhor esteja convosco, Brown. Sai.

Brown — Agora, só um golpe de força pode ajudar. Sargentos, reunião, alarme!

Cortina. Macheath e Jenny-Espelunca se colocam diante da cortina e cantam sob a iluminação para canção.

SEGUNDO FINAL DE TRÊS VINTENS

POIS DE QUE VIVE O HOMEM?

1

Mac — Como viver sem crime e sem briga,
Nos dai, senhores, nobre ensinamento;
Porém, enchei-nos, antes, a barriga,
Depois falai, é este o seguimento.
Prezai a vossa pança e a nossa lida,
Porém, sabei a regra universal,
Torcei, virai, mas eis a lei da vida:
Primeiro, o pão, mais tarde, a moral.
Que a gente pobre aprenda a simples arte
De abocanhar do bolo a sua parte.

Voz atrás do palco - Pois de que vive o homem?

MAC — Pois de que vive o homem? Tão-somente

De maltratar, morder, matar como um animal insano,

E tendo esquecido inteiramente

De que ele próprio é um ser humano.

Coro — Não vos deixeis, senhores, iludir: O homem vive só de destruir!

2

JENNY — A que a moral uma mulher obriga,
Nos dai, senhores, nobre ensinamento.
Porém, enchei-nos, antes, a barriga,
Depois falai, é este o seguimento.
A nós, pudor, a vós, luxúria atrevida.
Porém, sabei a regra universal,
Torcei, virai, mas eis a lei da vida:
Primeiro, o pão, mais tarde, a moral.
Que a gence pobre aprenda a simples arte
De abocanhar do bolo a sua parte.

Voz atrás do palco — Pois de que vive o homem?

JENNY — Pois de que vive o homem? Tão-somente De maltratar, morder, matar como um animal insano, E tendo esquecido inteiramente De que ele próprio é um ser humano.

Coro — Não vos deixeis, senhores, iludir: O homem vive só de destruir!

TERCEIRO ATO

7

NA MESMA NOITE, PEACHUM SE PREPARA PARA UMA AÇÃO. ELE ESTÁ DECIDIDO A PERTURBAR O CORTEJO DA COROAÇÃO CÓM UMA MANIFESTAÇÃO DA MISÉRIA

Rouparia para mendigos de Peachum.

Os mendigos estão escrevendo cartazes onde se lêem frases como "Dei meu olho ao rei", e assim por diante.

PEACHUM — Meus senhores, neste momento, em nossas onze filiais, de Drury Lane até Turnbridge, 1432 cavalheiros estão trabalhando como vocês em cartazes semelhantes para participar da coroação de nossa rainha.

SENHORA PEACHUM — Vamos! Trabalhando! Quem não quer trabalhar, não pode mendigar. Como é que você pretende ser um cego se nem sabe fazer um R como deve? Ei, não escreva como velho, isso tem que parecer letra de criança.

Rufar de tambores.

MENDIGO — Agora, a guarda da coroação está se colocando em formação, também eles ainda não fazem idéia de que hoje, no dia mais belo de suas vidas militares, vão ter trabalho com a gente.

FILCH entra avisando — Senhora Peachum, está vindo aí uma dúzia de galinhas pernoitadas. Elas afirmam que aqui tem dinheiro para elas.

Entram as putas.

JENNY — Distinta senhora...

SENHORA PEACHUM — Ora, mas vocês estão com uma cara de galinha que caiu do poleiro. Vieram buscar a recompensa pelo seu Macheath, não é mesmo? Pois fiquem sabendo que não receberão nada, entenderam?, absolutamente nada.

JENNY — O que devemos entender por isso, distinta senhora?

SENHORA PEACHUM — Invadir o meu ninho no meio da noite! Entrar numa casa de família às três da madrugada! Vocês deviam era ir descansar de seu batente. Estão todas com cara de leite vomitado.

JENNY — Quer dizer, então, distinta senhora, que não receberemos nossos honorários contratados pela prisão do senhor Macheath?

Senhora Peachum — Exatamente, uma merda para vocês, que salário de Judas, coisa nenhuma.

JENNY — E por quê, distinta senhora?

SENHORA PEACHUM — Porque o digníssimo senhor Macheath bateu de novo as asas e voou. Por isso. E agora, caras damas, para fora da minha requintada loja.

JENNY — Ora, mas isto é o cúmulo. Não faça isso com a gente, não! Estou lhe avisando. Com a gente, não!

SENHORA PEACHUM — Filch, as damas desejam ser acompanhadas até a porta.

Filch caminha até elas, Jenny o empurra.

JENNY — Gostaria de pedir à senhora que fechasse essa latrina, senão poderia acontecer que...

Entra Peachum.

PEACHUM — O que é que está havendo? Espero que você não tenha dado dinheiro a elas. Então, como é que é, minhas senhoras? O senhor Macheath está ou não está na prisão?

JENNY — Vê se o senhor não me enche mais o saco com essa sua idéia fixa no Macheath. O senhor não chega nem aos pés dele. Até tive que dispensar um freguês, esta noite, de tanto que fiquei chorando no travesseiro, só de pensar que vendi este cavalheiro ao senhor. É, minhas amigas, e o que vocês acham que aconteceu hoje de madrugada? Não faz nem uma hora, eu acabara de

adormecer de tanto chorar, quando assobiaram, e na rua estava justamente este senhor por quem eu chorara, pedindo que eu lhe jogasse a chave. Nos meus braços, queria me fazer esquecer a desgraça que lhe causei. É ele o último cavalheiro de Londres, minhas senhoras. E se a nossa colega Suky Tawdry não nos acompanhou até aqui é porque ele, depois que me deixou, foi ainda à casa dela para consolá-la também.

PEACHUM para si — Suky Tawdry...

JENNY — Bem, agora o senhor sabe que não chega nem aos pés dele. Seu delator infame.

PEACHUM — Filch, vai correndo até o próximo posto de polícia. O senhor Macheath está na casa da senhorita Suky Tawdry. Filch sai. Mas, minhas senhoras, para que brigarmos? É claro que o dinheiro será pago. Querida Célia, por que é que você, ao invés de ficar aí insultando as senhoras, não lhes prepara um café?

SENHORA PEACHUM saindo — Suky Tawdry! Canta a terceira estrofe da "Balada da servidão sexual":

Para a forca corre a sua estrada, Já a cal, para caiá-lo, está comprada! Por um cabelo pende sua vida, Mas continua a mente atrevida! Perto do fim ainda ergue-se o animal: É esta a servidão sexual.

> Um Judas feminino o despachou. Até que, finalmente, ele viu: Buraco da mulher se lhe tornou Em tal buraco que o coveiro abriu. Mas mesmo assim, com todo este azar, Seu esporte favorito é trepar.

Peachum — Vamos, vamos! Vocês simplesmente acabariam nas cloacas de Turnbridge se, em minhas noites insones, eu não tivesse descoberto um meio de cavar alguns vin-

téns da sua pobreza. Descobri que os donos do mundo são capazes de provocar a miséria, mas ver a miséria, isto eles não suportam. Porque eles são covardes e imbecis, exatamente como vocês. Mesmo tendo com que se empanturrar até o fim de seus dias e podendo besuntar o chão de suas casas com manteiga, a ponto de até as migalhas caídas de suas mesas ficarem engorduradas, eles não agüentam ver com indiferença um homem desmaiando de fome; só que ele vai ter que desmaiar na porta deles.

Entra a senhora Peachum trazendo uma bandeja com xícaras de café.

Senhora Peachum — Amanhã, vocês podem passar aqui na loja e pegar seu dinheiro, mas só depois da coroação.

JENNY — Senhora Peachum, não tenho palavras.

Peachum — Atenção, todos, daqui a uma hora nós nos reuniremos em frente ao palácio de Buckingham. Vamos!

Os mendigos alinham-se.

FILCH entra correndo — Os tiras! Nem deu para eu chegar até a delegacia. A polícia já está vindo aí!

PEACHUM — Escondam-se! À senhora Peachum: Chama o pessoal da banda, rápido. E quando você me ouvir dizer inofensivo, entendeu?, i-no-fen-si-vo...

SENHORA PEACHUM — Inofensivo? Não entendi nada.

PEACHUM — É claro que você não entendeu nada. Bem, quando eu disser i-no-fen-si-vo... Batem à porta. Graças a Deus, a deixa é esta, i-no-fen-si-vo, e aí vocês atacam com uma música qualquer. Rápido!

A senhora Peachum sai com os mendigos. Os mendigos, menos a moça com o cartaz "Vítima da arbitrariedade militar", vão para o fundo com suas coisas e se escondem à direita atrás do cabide. Entram Brown e policiais.

Brown — Bem, o negócio agora é sério, senhor amigo dos mendigos. Smith, algema nele! Ah, temos aqui alguns dos graciosos cartazes. À moça: "Vítima da arbitrariedade militar" — é você?

PEACHUM - Bom dia, Brown, bom dia, dormiu bem?

Brown - O quê?

PEACHUM - Bom dia, Brown.

Brown — Ele está falando comigo? Ele conhece um de vocês? Acho que ainda não tive o prazer de conhecê-lo.

PEACHUM - Ah, não? Bom dia, Brown.

Brown — Arranquem o chapéu da cabeça dele.

Smith cumpre a ordem.

PEACHUM — Pois é, Brown, já que o senhor está passando por aqui, estou dizendo passando, Brown, quero aproveitar a oportunidade para lhe pedir que ponha, finalmente, na cadeia um certo Macheath.

Brown — O homem enlouqueceu. Não ria, Smith. Me diga uma coisa, Smith. Como é possível que este criminoso notório ainda circule livre por Londres?

Peachum — Porque ele é seu amigo, Brown.

Brown — Ele quem?

PEACHUM — Mac Navalha. Eu não. Por acaso eu sou algum criminoso? Sou é um homem pobre, Brown. A mim o senhor não pode destratar. Brown, vejo que o senhor está a um passo da pior hora de sua vida; quer um café? Às putas: Meninas, ofereçam um gole de café ao senhor chefe de polícia, anda, sejam educadas! Por que não viver em harmonia? Nós todos obedecemos a lei! A lei foi feita única e exclusivamente para explorar aqueles que não a entendem ou que, por pura necessidade, não podem cumpri-la. E quem quiser receber sua parte nessa exploração tem que agir rigorosamente dentro da lei.

- Brown Então, o senhor quer dizer que os nossos juízes são corruptos!
- Peachum Pelo contrário, senhor, pelo contrário! Nossos juízes são absolutamente incorruptíveis: e não há dinheiro no mundo que os corrompa a ponto de fazerem valer a justiça.

Segundo rufar de tambores.

- Peachum Saída da guarda para formar alas. Os mais pobres dentre os pobres sairão meia hora depois.
- Brown É isso mesmo, senhor Peachum. Os mais pobres sairão meia hora depois diretamente para a prisão de Old Bailey, onde passarão o inverno. Aos policiais: Muito bem, rapazes, comecem a catar o que tiver por aí. Toda a patriotada que vocês acharem. Aos mendigos: Alguma vez já ouviram falar de Brown-o-tigre? É que esta noite, Peachum, encontrei a solução e devo dizer que salvei um amigo da morte certa. E agora vou dar uma geral neste seu covil. E prenderei todo mundo por... é, por que será mesmo? Por mendicância! Pois foi o senhor que insinuou que aproveitaria o dia de hoje para jogar os mendigos contra mim e a rainha. Estes mendigos vão comigo! A gente sempre aprende.

Peachum — Tudo bem, mas... que mendigos?

- Brown Ora, estes estropiados aí. Smith, os senhores patriotas vão conosco.
- PEACHUM Brown, estou aqui para impedir que o senhor se precipite; graças a Deus o senhor veio falar comigo a tempo... Ora, é claro que o senhor pode prender esta meia dúzia de coitados, mas é todo mundo inofensivo, i n o f e n s i v o...

Música introduzindo alguns compassos da "Canção da ineficácia".

Brown — Mas o que é isso?

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

CANÇÃO DA INEFICÁCIA DO EMPENHO HU-MANO

1

Quem vive da cabeça
De lucros não transborda.
Tenta: que da cabeça
Só um piolho engorda.
Pois que nesta vida
O espertalhão não tem vez:
Nunca é percebida
Manha e malvadez.

2

Faça um grande projeto
Seja a luz brilhante,
Faça um outro projeto —
Ambos não vão avante.
Pois que nesta vida
O charlatão não tem vez:
Só na dura lida
Achas altivez.

3

Corra atrás da sorte, Mas não corra demais; Todos correm atrás da sorte E a sorte — sempre mais.

> Pois que nesta vida O sôfrego não tem vez: A gana desmedida Leva ao xadrez.

Peachum — Seu plano, Brown, era genial, mas inviável. O senhor aqui só prenderia alguns jovenzinhos que estão festejando a coroação de sua rainha com um baile a fantasia. Espera só chegarem os verdadeiros miseráveis — aqui não há nenhum — e o senhor verá, serão milhares. Aí está: vocês esqueceram o espantoso número de pobres. Imagine-os só na porta da igreja, não é uma visão nada festiva. O aspecto deles não agrada mesmo. Sabe o que é erisipela, Brown? Imagine agora 120 caras erisipelosas! A jovem rainha deveria estar entre rosas e não entre pessoas erisipelosas. E depois aqueles mutilados no portal da igreja. Olha, vamos evitar isso, Brown. O senhor pensará talvez que a polícia conseguirá nos conter, a nós pobres coitados. Engano seu. Já pensou no espetáculo de seiscentos pobres aleijados, derrubados pela violência dos cassetetes durante a coroação? Seria muito feio. Nojento mesmo. É de dar náuseas. Só de pensar nisso, já me sinto mal, Brown. Uma cadeirinha, por favor.

Brown a Smith — Isto é uma ameaça, seu... Isto é uma chantagem. E não se pode fazer nada contra o homem; pelo bem da ordem pública, não se pode fazer absolutamente nada contra o homem. Nunca se viu uma coisa dessas.

PEACHUM — Mas agora se vê. Escute o que vou lhe dizer: quanto à rainha da Inglaterra, o senhor pode se comportar como quiser. Mas não pise no pé do homem mais pobre de Londres, senão será deschefiado, senhor chefe de polícia.

Brown — Bem, então devo prender Mac Navalha? Prender? É fácil falar. Mas antes de prender o homem é preciso pôr as mãos nele.

PEACHUM — Se é o senhor que está dizendo, quem sou eu para contradizer? Então, eu mesmo vou cuidar do homem; veremos se ainda há moral neste país. Jenny, onde é que está o senhor Macheath?

JENNY - Na casa de Suky Tawdry, Oxford Street, 21.

Brown — Smith, vá imediatamente à casa de Suky Tawdry na Oxford Street, 21, prenda Macheath e leve-o para Old Bailey. Enquanto isso, vou pôr meu uniforme de gala. Num dia como este, tenho que pôr meu uniforme de gala.

PEACHUM — Brown, se ele não for enforcado até as seis... Brown — Oh, Mac, não teve jeito mesmo.

Sai com os policiais.

Peachum gritando atrás dele — Aprendeu, hein, Brown?

Terceiro rufar de tambores.

Peachum — Terceiro rufar de tambores. Reformulação do plano de marcha. Nova direção: os cárceres de Old Bailey. Em frente!

Os mendigos saem.

Peachum canta a quarta estrofe da "Canção da Ineficácia":

Se o homem não quer nada, Dá-lhe uma paulada; Curtindo-lhe o couro Aprende a valer ouro. Pois que nesta vida O bom moço não tem vez: Com a lição devida Vem a sensatez.

Cortina. Jenny aparece diante da cortina com um realejo e canta a

CANÇÃO DE SALOMÃO

1

Foi grande o sábio Salomão, Mas triste seu destino! No fim da vida percebeu: Maldita a hora em que nasceu E o mundo que é cretino. Foi grande o sábio Salomão! E antes de findar-se o dia, Soube-se a razão: Nefasta é a sabedoria, Livrar-se dela é a salvação!

2

Formosa foi Cleópatra,
Mas triste seu destino!
Arruinou dois imperadores,
E no final do desatino
Morreu de seus amores.
Babel também foi bela em vão!
E antes de findar-se o dia,
Soube-se a razão:
Beleza só problemas cria,
Livrar-se dela é a salvação!

3

E César corajoso foi, Mas triste seu destino! Pensava que era onipotente, Igual a um ser divino Reinando, mas infelizmente Foi morto por traição. E antes de findar-se o dia, Soube-se a razão: Coragem traz desarmonia, Livrar-se dela é a salvação!

1

Vocês conhecem Bertolt Brecht, Sedento de saber! Ele indagava, de onde vêm Os bens dos ricos. Podem crer, Isto não lhes convém! Perdeu a casa e o chão. E antes de findar-se o dia, Soube-se a razão: Curiosidade desafia, Livrar-se dela é a salvação!

5

E vejam o Navalha aqui, Já prestes a morrer! A vida estando por um fio, Acaba-se o prazer. Bandido foi, e foi vadio De louco coração! E antes de findar-se o dia, Soube-se a razão: Tesão demais má sorte cria, Livrar-se dele é a salvação! LUTA PELA POSSE 10

Aposento feminino em Old Bailey.

Lucy.

SMITH entra — Distinta senhorita, a senhora Polly Macheath deseja falar-lhe.

Lucy - Senhora Macheath? Faça-a entrar.

Entra Polly.

Polly — Bom dia, distinta senhora. Distinta senhora, bom dia!

Lucy — Por favor, o que deseja?

Polly — A senhora me reconhece?

Lucy — Claro que a conheço.

Polly — Estou vindo para lhe pedir desculpas pelo meu comportamento de ontem.

LUCY — Interessante.

Polly — Na verdade não há desculpa para o meu comportamento de ontem, a não ser minha própria desgraça.

Lucy — Está bem.

Polly — Distinta senhora, a senhora tem que me desculpar. Ontem, o comportamento do senhor Macheath me deixou muito irritada. Realmente, ele não podia ter nos colocado numa situação como aquela, não é mesmo? A senhora bem que deveria dizer isto a ele quando o vir.

Lucy — Eu... eu... não o verei.

Polly — A senhora o verá, sim.

Lucy - Eu não o verei.

POLLY — Como assim?

10. Esta cena é especialmente para aquelas atrizes que, fazendo o papel de Polly, possuem talento de comediante.

Lucy — Mas ele a quer muito bem.

Polly — Que nada, é a senhora que ele ama, estou certa disso.

Lucy — Muito amável.

Polly — Mas, distinta senhora, o homem sempre tem medo da mulher que o ama demais. É claro, em conseqüência disso, ele menospreza e finalmente evita a mulher. Logo vi que ele estava comprometido com a senhora de uma maneira que naturalmente eu não podia prever.

Lucy — A senhora está falando sério?

Polly — Claro que estou falando sério, distinta senhora. Sem dúvida! Por favor.

Lucy — Querida senhorita Polly, nós duas o amamos demais.

Polly — Talvez seja isto. Pausa. E agora, distinta senhora, gostaria de lhe explicar como tudo aconteceu. A primeira vez que eu vi o senhor Macheath foi no Hotel do Polvo, há dez dias. Minha mãe estava comigo. Cinco dias depois, ou seja, mais ou menos anteontem, nós nos casamos. Ontem fiquei sabendo que a polícia o procura por vários crimes. E hoje já não sei como vai ser. E com tudo isso, distinta senhora, doze dias atrás, eu nem sequer podia adivinhar que seria capaz de me envolver com um homem.

Pausa.

Lucy — Eu a compreendo, senhorita Peachum.

POLLY — Senhora Macheath.

Lucy — Senhora Macheath.

POLLY — Aliás, nas últimas horas, eu tenho pensado muito sobre este homem. E não é nada fácil. Pois, entenda, fico até com inveja da senhorita pela maneira como ele a tratou outro dia. Quando tive que deixá-lo, se bem que pressionada por mamãe, ele não lamentou nem um pouco. Talvez, no lugar do coração, ele tenha uma pedra. O que acha disso, Lucy?

Lucy — Bem, querida senhorita, eu realmente não sei se o senhor Macheath é o único culpado. Você nunca deveria ter deixado sua classe social, querida senhorita.

POLLY - Senhora Macheath.

Lucy — Senhora Macheath.

Polly — Tem toda razão — ou pelo menos deveria ter conduzido tudo em termos comerciais, como papai sempre quis.

Lucy - Sem dúvida.

Polly chorando — Mas ele é meu único bem.

Lucy — Minha querida, esta desgraça pode acontecer à mulher mais inteligente do mundo. Ora, legalmente, a senhora é a esposa dele, isto deveria tranquilizá-la. Não quero mais ver você assim, tão deprimida, minha filha. Posso lhe oferecer uma coisinha?

Polly — O quê?

Lucy — Algo para comer!

Polly — Oh, sim, por favor, uma coisinha para comer. Lucy sai. Polly consigo: Que peste!

Lucy volta com café e bolo — Está bom assim?

POLLY — Não precisava se incomodar tanto, distinta senhora. Pausa. Elas comem. Este retrato dele é muito bonito. Quando foi mesmo que ele o trouxe?

Lucy — Como assim, trouxe?

Polly inocente — Quero dizer, quando foi que ele o trouxe para cá?

Lucy — Ele nunca o trouxe.

Polly — Ele lhe deu o retrato aqui mesmo, no quarto?

Lucy — Ele não esteve aqui no quarto.

POLLY — Ah é? Mas também isto não teria a menor importância, não é mesmo? Realmente, os caminhos do destino são bastante emaranhados. Lucy — Mas vamos parar com essa conversa mole. O que a senhora quer é espionar.

POLLY - Diga a verdade, a senhora sabe onde ele está.

Lucy — Eu? Mas como? A senhora é que deveria saber.

Polly — Diga logo onde ele está.

Lucy — Não faço idéia.

Polly - Então a senhora não sabe onde ele está. Jura?

Lucy — Não, não sei. Então, a senhora mesma também não sabe?

Polly — Por incrivel que pareça, não. Polly ri e Lucy chora. Agora que ele tem dois compromissos, ele some.

Lucy — Não agüento mais. Ah, Polly, tudo isto é tão terrível.

Polly alegre — Estou tão feliz! Pelo menos no fim dessa tragédia encontrei uma verdadeira amiga. Posso lhe oferecer mais alguma coisa, mais um pedaço de bolo?

Lucy — Por favor. Ah, Polly, não seja tão amável comigo. Realmente, eu não mereço. Ah, Polly, os homens não prestam.

Polly — É claro que os homens não prestam, mas o que podemos fazer?

Lucy — Não. Agora, quero pôr tudo a limpo. Polly, você vai ficar muito zangada comigo?

POLLY — Por quê?

Lucy — Ela não é verdadeira.

POLLY — Ela quem?

Lucy — Esta aqui! Aponta para a barriga. E tudo isso por causa daquele bandido.

Polly ri — Ah, mas isto é fantástico! Então, era um travesseiro? Você é danada de esperta, hein? Olha, quer ficar com o Mac? Eu te dou ele de presente. Se você o achar, pega ele. Ouvem-se vozes e passos no corredor. O que é isto?

Lucy na janela — Mackie! Eles o prenderam de novo. Polly desaba — Agora acabou.

Entra a senhora Peachum.

SENHORA PEACHUM — Ah, Polly, até que enfim te encontrei. Muda a roupa, vão enforcar teu marido. O vestido de luto está aqui comigo. Polly despe-se e põe o vestido de luto. Você será uma viúva linda. Vamos, faça uma cara mais alegre.

9

CINCO HORAS DA MANHÃ DE SEXTA-FEIRA: MAC NAVALHA, QUE ESTEVE OUTRA VEZ COM AS PUTAS, FOI TRAÍDO OUTRA VEZ PELAS PUTAS. AGORA, ELE SERÁ ENFORCADO

Cela dos condenados à morte.

Os sinos de Westminster repicam. Os policiais trazem Macheath algemado para o cárcere.

SMITH — Para dentro com ele. Os sinos de Westminster estão repicando pela primeira vez. Vê se fica em pé direito; não quero nem saber qual é a dessa cara amarrotada. Você deveria se envergonhar. Aos policiais: Quando os sinos de Westminster repicarem pela terceira vez, às seis em ponto, ele já deverá estar enforcado. Preparem tudo.

Um Policial — Não eram nem cinco horas e todas as ruas de Newgate já estavam entupidas de todo tipo de gente; agora, então, nem dá para passar.

SMITH — Que estranho; como é que eles ficaram sabendo?

Policial — Se continuar assim, daqui a pouco toda Londres vai ficar sabendo. Aí, as pessoas que iam ver o cortejo da coroação vão aparecer todas aqui. E a rainha terá que desfilar por ruas vazias.

SMITH — Por isso temos que mandar brasa. Se terminarmos tudo às seis, ainda dará tempo de as pessoas pegarem o cortejo da coroação, às sete horas. Mexam-se agora!

MAC — Oi, Smith, que horas são?

SMITH — Você é cego? Cinco e quatro.

Mac — Cinco e quatro.

Mal Smith acaba de fechar a porta da cela por fora, Brown aparece.

Brown, de costas para a cela, pergunta a Smith — Ele está aí dentro?

SMITH — O senhor quer vê-lo?

Brown — Não, não, não, pelo amor de Deus, faça tudo sozinho. Sai.

MAC, de repente, inicia em voz baixa uma interminável verborragia — Ora, Smith, não vou dizer nada, nada de suborno, não tenha medo. Sei muito bem. Se o senhor se deixasse subornar, seria, no mínimo, obrigado a deixar o país. É, seria mesmo. Mas aí o senhor teria que ter o bastante para viver despreocupado até o fim de sua vida. Mil libras, que tal? Não diga nada! Daqui a vinte minutos, o senhor ficará sabendo se poderá dispor destas mil libras ainda hoje à tarde. Nada de sentimentos. Saia agora e pense bem. A vida é curta e o dinheiro é pouco. E ainda não faço a menor idéia de como o arranjarei. Mas deixe entrar quem quiser me ver.

SMITH devagar — Senhor Macheath, isto é um absurdo. Sai.

MAC canta baixinho e rapidíssimo o "CLAMOR DA TUMBA":

Ouçam a voz que pede piedade! Mackie não jaz debaixo da roseira, Porém na escura tumba, em verdade. Culpada disso é a sina traiçoeira. Que Deus do céu lhe envie a mão clemente! Não há ninguém no mundo que o proteja? Seus ossos sentem frio de inverno. Quando morrer, bebam uma cerveja, Mas tirem-no agora deste inferno, Terminem seu martírio tão pungente! 11

Matthias e Jakob aparecem no corredor. Querem ver Macheath e são interpelados por Smith.

SMITH — Eh, rapaz, você está parecendo uma sardinha destripada.

MATTHIAS — Desde que o Capitão foi embora, eu é que tenho que emprenhar as nossas damas para que elas se beneficiem do parágrafo da incapacidade! É preciso ser de ferro para manter-se firme neste trabalho. Preciso falar com o Capitão.

Ambos vão até Mac.

MAC — Cinco e vinte e cinco. Vocês não tiveram a mínima pressa.

JAKOB — Ora, acontece que a gente... 12

Mac — Acontece... acontece... Acontece que vou ser enforcado, homem. Não tenho mais tempo para me abor-

- 11. Andando em círculo, o ator que fizer o Macheath pode aqui repetir no seu cárcere todas as maneiras de andar que, até então, mostrou ao público. O passo atrevido do sedutor, o passo desanimado do perseguido, o passo altivo, o passo erudito etc. Nesta curta caminhada, ele pode mostrar mais uma vez todas as posturas de Macheath durante estes poucos dias.
- 12. Nesta cena o ator de teatro épico não se deixará seduzir pelo empenho de levar ao extremo o medo de Macheath à morte, fazendo dele o clímax dominante de todo o ato, sob pena de frustrar o efeito teatral da representação seguinte, que é a da verdadeira amizade. (A amizade é verdadeira apenas sob a condição de ser limitada. A vitória moral dos dois amigos mais leais do sr. Macheath não se torna absolutamente amesquinhada por aquela derrota moral ocorrida mais tarde, quando, por ocasião da entrega de suas economias para o livramento de seu amigo, eles não se apressam o bastante.)

recer com vocês. Cinco e vinte e oito. Então: quanto é que vocês podem tirar da poupança particular de vocês? Mas tem que ser agora!

MATTHIAS — Da nossa, às cinco da manhã?

JAKOB — Já chegamos a esse ponto?

MAC — Quatrocentas libras, pode ser?

JAKOB — Sim, mas e nós? Afinal é tudo o que temos.

Mac — Quem vai ser enforcado, vocês ou eu?

MATTHIAS agitado — Quem se deita com Suky Tawdry em vez de dar no pé? Quem se deita com Suky Tawdry, nós ou você?

MAC — Cala a boca. Logo eu vou estar deitado é num lugar bem diferente da cama daquela vagabunda. Cinco e meia.

Jakoв — Então, Matthias, a gente vai ter que ir nessa mesmo.

SMITH — O senhor Brown manda perguntar o que o senhor desejaria como sua... refeição.

MAC — Me deixa em paz. A Matthias: Então, quer ou não quer? A Smith: Aspargos.

MATTHIAS - Não vem com grito pra cima de mim, não.

Mac — Mas eu não estou gritando com você. É que eu... Então, Matthias, você quer me ver enforcado?

MATTHIAS — É claro que não quero te ver enforcado. Quem disse isso? Mas afinal é tudo o que temos. Quatrocentas libras é mesmo tudo o que temos. Será que a gente não pode mais dizer a verdade?

MAC - Cinco e trinta e oito.

Jakob — Então rapidinho, Matthias, senão não vai adiantar nada.

MATTHIAS — Se é que a gente consegue passar; está tudo entupido. Essa plebe! Ambos saem.

MAC — Se vocês não estiverem aqui até cinco minutos antes das seis, não me verão nunca mais. Grita: Não me verão nunca mais...

SMITH — Já foram. E aí, como é que é? Faz o gesto de quem conta dinheiro.

MAC — Quatrocentas. Smith sai dando de ombros. Mac grita atrás dele: Preciso falar com Brown.

SMITH chegando com policiais — Trouxeram a graxa?

Policial — É, mas esta não é da boa.

SMITH — Deixa de onda, isso é coisa que se monta em dez minutos.

Policial — Mas o alçapão não funciona.

SMITH — Tem que funcionar, não ouviu que os sinos já repicaram pela segunda vez?

Policial — Isto aqui é uma porcaria.

Mac canta — Agora vejam como ele sofre,
A vítima da pérfida maldade!
Vocês aqui, que adoram só o cofre
E o julgam ser a maior autoridade,
Não deixem seu herói na fossa, gente!
Corram depressa junto à soberana
Para pedir clemência, anistia;
Pois os malvados contam minha grana
E, eu sofrendo, riem de alegria.
Terminem meu martírio tão pungente!

SMITH — Não posso deixá-la entrar assim. A senhora só tem o número dezesseis. Ainda não chegou a sua vez.

POLLY — Ora, que história é essa de número dezesseis? Não seja tão burocrático. Eu sou a mulher dele, preciso falar com ele.

SMITH — Mas cinco minutos no máximo.

Polly — Que história é essa de cinco minutos? É um absurdo. Cinco minutos! Isso é lá coisa que se diga? Pensa que é tão simples assim? Afinal, é uma despedida para sempre. Aí mesmo é que há tantas coisas para serem ditas entre marido e mulher... Mas onde ele está?

SMITH - Ora, a senhora não está vendo ele?

POLLY — Ah, mas é claro! Muito obrigada.

MAC — Polly!

Polly - Sim, Mac, sou eu.

MAC — Ah, mas é claro!

Polly — Como é que você está passando? Está muito deprimido? É tão difícil!

MAC — E você, o que vai fazer de agora em diante? O que vai ser de você?

POLLY — Sabe, Mac, nossos negócios vão muito bem. Isto é o de menos. Mackie, você está muito nervoso?... O que que o seu pai era mesmo? Há tantas coisas que você ainda não me contou. Não consigo entender. Afinal você foi sempre tão saudável.

MAC — Escuta, Polly, você não pode me ajudar a sair daqui?

Polly — Ah, mas é claro!

Mac — Com dinheiro, claro. É que eu combinei com o guarda...

POLLY devagar — O dinheiro já foi mandado para Manchester.

Mac - Então, você está sem nada?

POLLY — É, estou sem nada mesmo. Mas sabe, Mac, eu poderia falar com alguém, por exemplo... até poderia perguntar à própria rainha, talvez. Ela desmorona. Oh, Mac!

SMITH afastando Polly — Então já conseguiu as suas mil libras?

Polly — Vai com Deus, Mac, tudo de bom para você e não me esqueça! Sai.

Smith e um policial trazem uma mesa com um prato de aspargos.

SMITH — Os aspargos estão macios?

Policial — Sim, senhor. Sai.

- Brown aparece e se dirige a Smith Smith, o que ele quer comigo? Foi bom você ter me esperado para pôr a mesa. Vamos entrar agora mesmo com ela para que ele veja que nós somos bem-intencionados. Juntos entram na cela com a mesa. Smith sai. Pausa. Alô, Mac. Aqui estão os aspargos. Você não quer provar um pouquinho?
- Mac Não se incomode, senhor Brown, há outras pessoas que me renderão as últimas homenagens. 12

Brown - Ah, Mac!

- MAC Queira apresentar as contas, por favor. Se me permite, enquanto isso, eu como. Afinal, é a minha última refeição. Come.
- Brown Bom apetite. Ah, Mac, é como se você traspassasse meu coração com um ferro em brasa.
- MAC As contas, senhor; por favor, as contas. Nada de sentimentalismos.
- Brown, suspirando, tira um caderninho do bolso Eu as trouxe comigo, Mac. Aqui estão as contas do último semestre.
- MAC em tom cortante Então, o senhor só veio até aqui para sacar o seu dinheiro.
- Brown Mas você sabe que não é assim...
- MAC Como queira, mas o senhor não deve sair prejudicado. Quanto lhe devo? Mas, por favor, especifique os cálculos. A vida me tornou desconfiado... E o senhor, melhor do que ninguém, me compreenderá.
- Brown Mac, se você fala assim, eu não consigo nem mais pensar.

Ouvem-se golpes de martelo atrás.

13. Talvez o ator tenha a possibilidade de mostrar o seguinte: Macheath sente absolutamente como certo que, no seu caso, trata-se de um pavoroso erro jurídico. Na verdade a justiça perderia totalmente sua boa reputação se os bandidos se tornassem suas vítimas com mais freqüência do que na realidade acontece!

SMITH (voz) — Assim, agora está firme.

MAC - As contas, Brown.

- BROWN Bem, se você faz tanta questão: primeiro temos aqui a quantia referente à captura de assassinos, denunciados por você ou seu pessoal. No total, você recebeu do Governo...
- MAC Por três casos, a quarenta libras cada, 120 libras. Uma quarta parte para o senhor daria, então, trinta libras, que são, portanto, as que nós lhe devemos.
- Brown Está bem, está bem... mas eu realmente não sei, Mac, se nos últimos minutos...
- MAC Por favor, deixe de baboseiras, sim? Trinta libras. E por aquele de Dover, oito libras.
- Brown Como? Só oito libras? Mas o combinado...
- MAC O senhor confia ou não confia em mim? Portanto, liquidando as contas do último semestre, o senhor receberá 38 libras.
- Brown irrompendo em soluços Uma vida inteira... realizando...

Ambos — Todos os seus desejos.

MAC — Três anos na Índia — John estava lá e Jim também —, cinco anos em Londres, e esta é a paga. Mostrando o aspecto que terá como enforcado:

Mackie jamais a um piolho ofendeu E pende por obra de um ser traiçoeiro. No seu pescoço, que a corda torceu, Sente ele o peso do próprio traseiro.

- Brown Mac, se você vem desse jeito... quem ataca a minha honra, a mim ataca. Sai apressado da cela, furioso.
- Mac Sua honra...
- Brown É, minha honra. Smith, comece! Deixe entrar as pessoas. A Mac: Com licença, por favor.

SMITH rápido, para Macheath — Ainda posso tirar o senhor daqui, mas tem que ser agora, porque daqui a um minuto não dá mais. Já tem o dinheiro aí?

Mac - Sim, assim que os rapazes voltarem.

SMITH — Nem sinal deles. Portanto: fim de papo.

Deixam entrar as pessoas. Peachum, a senhora Peachum, Polly, Lucy, as putas, o reverendo, Matthias e Jakob.

JENNY — Não queriam deixar a gente entrar. Mas eu disse para eles: se vocês não tirarem essas cabeças de merda do caminho, aí vocês vão ver quem é Jenny-Espelunca.

Peachum — Eu sou o sogro dele. Com licença; qual dos cavalheiros é o senhor Macheath?

MAC apresenta-se — Macheath.

PEACHUM, passando pela cela, coloca-se, como todos os que vêm depois, do lado direito — Senhor Macheath, o destino determinou que o senhor, sem que eu o conhecesse, se tornasse meu genro. As circunstâncias, nas quais eu o vejo pela primeira vez, são bem tristes. Senhor Macheath, outrora o senhor tinha luvas de pelica brancas, uma bengala com castão de marfim, uma cicatriz no pescoço e freqüentava o Hotel do Polvo. Agora, só lhe restou a cicatriz, que, dentre todas as suas marcas, é a de menor valor, e freqüentar, só as gaiolas, para, como é de prever, logo, logo, lugar nenhum...

Polly passa chorando pela cela e se coloca do lado direito. MAC — Que vestido bonito o seu.

Matthias e Jakob passam pela cela e se colocam do lado direito.

Matthias — Não conseguimos passar por causa da multidão na rua. Corremos tanto que eu fiquei com medo do Jakob ter um enfarto. Se você não acredita na gente...

MAC — O que diz meu pessoal? Eles conseguiram bons lugares?

MATTHIAS — Olha, Capitão, achamos que o senhor nos compreenderia. É que uma coroação também não acontece todos os dias. O pessoal tem que ganhar a vida como pode. Eles mandam lembranças.

JAKOB — Cordiais!

SENHORA PEACHUM aproxima-se da cela e se coloca do lado direito — Senhor Macheath, quem podia imaginar isso, quando uma semana atrás dançávamos no Hotel do Polvo?

MAC — É, dançávamos.

SENHORA PEACHUM — Mas os caminhos desta vida são cruéis.

Brown no fundo, para o reverendo — E foi com este homem que eu lutei, ombro a ombro, no fogo cruzado da batalha mais violenta de Azerbeidjã.

JENNY aproxima-se da cela — O pessoal lá de Drury Lane está completamente em pânico. Ninguém foi à coroação. Todas querem te ver. Coloca-se do lado direito.

MAC — Me ver.

SMITH — Bem, então vamos. Seis horas. Manda tirá-lo da cela.

MAC — É, não vamos deixar as pessoas esperando. Minhas senhoras, meus senhores, estão vendo extinguir-se o representante de uma classe em extinção. Nós, pequenos artesãos burgueses, que trabalhamos com o bom e velho pé-de-cabra as modestas caixas dos pequenos comerciantes, estamos sendo engolidos pelos grandes empresários, atrás dos quais estão os bancos. O que é uma gazua comparada a uma ação ao portador? O que é um assalto a um banco comparado à fundação de um banco? O que é o assassinato de um homem comparado com a contratação de um homem? Concidadãos, aqui me despeço de vocês. Agradeço por terem vindo. Alguns de vocês me eram muito caros. Que Jenny me tenha denunciado, muito me surpreende. É uma prova inequívoca de que o mundo continua o mesmo. A coincidência de algumas

circunstâncias infelizes provocou minha queda. Pois bem — eu caio.

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

BALADA NA QUAL MACHEATH PEDE DESCULPAS A TODOS

Irmãos que vêm após a nossa morte, Contenham-se do impiedoso insulto, Também não riam da perversa sorte, Atrás das barbas bobo riso oculto, E não praguejem sobre os enforcados, E não se mostrem, qual justiça, duros; Pois todos nós deixamos de ser puros, E todos afundamos nos pecados. Queiram ouvir a nossa advertência, Pedindo a Deus a graça e a clemência.

As chuvas a nós todos purificam, Lavando a carne muito bem-nutrida; Os olhos, insaciáveis nesta vida, Para que não cobicem, corvos picam. Alto subimos, cheios de ganância, Pagando pela nossa arrogância, Deixando nossa existência amada, Igual a sujo esterco sobre a estrada. Queiram ouvir a nossa advertência, Pedindo a Deus a graça e a clemência.

Às moças, desnudando os seus seios Para pescar fregueses sempre prontos, Aos cavalheiros que não são alheios Aos charmes das perdidas nos seus pontos, Aos vagabundos, frescos, prostitutas, Aos maltrapilhos, loucos e birutas, Eu peço que perdoem meus pecados. Também aos tiras. Claro, não invejo A sina deles: cada tarde e dia Alimentar os presos com sobejos E torturar na cela escura e fria. Eles merecem minha maldição, Porém prefiro ser condescendente, Que aprendam a magnânime lição: Lhes pedirei perdão, humildemente.

Que suas caras se desfaçam logo Sob golpes de martelos mais pesados! De resto, quero esquecer e rogo: Desculpem, pois, todos os meus pecados!

SMITH — Por favor, senhor Macheath.

SENHORA PEACHUM — Polly, Lucy, amparem o marido de vocês nesta sua última hora.

MAC — Minhas senhoras, seja lá o que for que entre nós... SMITH levando-o — Vamos!

Marcha para a forca.

Todos saem pelas portas à esquerda. Estas portas se encontram nas telas de projeção. Depois, todos voltam pelo outro lado do palco com lanternas na mão. Quando Macheath se encontra sobre o patíbulo, fala

Peachum — Prezado público, lá vem o fim:

O senhor Macheath será enforcado,
Pois toda a cristandade age assim —
Cada qual paga pelo seu pecado.
Porém, não pensem como aprovado
Por nós o que pratica tanta gente.
O senhor Macheath não será enforcado:
Nós temos um desfecho diferente.

Na ópera, a injustiça que nos laça Fica vencida, às vezes, pela graça. Eis um arauto com a boa nova, Que salva o herói da escura cova.

Nos letreiros lê-se:

TERCEIRO FINAL DE TRÊS VINTÉNS

ENTRADA DO ARAUTO A CAVALO

Coro — Escuta quem vem aí!
O real arauto a cavalo vem aí!

Briosamente montado, Brown aparece como arauto.

Brown — Por motivo de sua coroação, Sua Majestade a Rainha ordena que o Capitão Macheath seja imediatamente libertado. Aplausos entusiásticos. Ao mesmo tempo, ele será elevado à categoria de nobre hereditário — júbilo — e receberá o castelo de Marmarel, bem como uma pensão de dez mil libras até o fim de sua vida. Aos casais de noivos aqui presentes, Sua Majestade transmite seus régios votos de felicidades.

MAC — Salvo, salvo! É, eu sabia, quando o Diabo fecha a porta, Deus abre uma janela.

POLLY — Salvo, o meu querido Mac está salvo. Estou tão feliz.

SENHORA PEACHUM — Afinal, tudo acaba bem. Que vida boa e tranqüila teríamos se os reais arautos chegassem sempre a galope.

PEACHUM — Por isso, fiquem todos onde estão para cantar o coral dos mais pobres deste mundo, cuja vida dura vocês representaram hoje, pois, na realidade, justamente o fim deles é que é péssimo. Os reais arautos quase nunca aparecem, depois de os pisados desta vida terem se levantado. Por isso, a iniquidade não deveria ser por demais perseguida.

Todos cantam ao órgão, avançando para o proscênio — Jamais persigam tanto a iniquidade,
Pois ela mesma exaure seu alento.
Pensem na noite fria que invade
O nosso vale, cheio de lamento.